

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SÃO PAULO**
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

Gabriela Lembo Dias

O MUNDO SOB A PELE E SUAS RELAÇÕES COM A ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO

São Paulo
2012

Gabriela Lembo Dias

O MUNDO SOB A PELE E SUAS RELAÇÕES COM A ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia
Universidade Católica, para obtenção do título de graduada
em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Raul Pacheco

São Paulo
2012

Gabriela Lembo Dias

O MUNDO SOB A PELE E SUAS RELAÇÕES COM A ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO

São Paulo, 04 de junho de 2012.

Professor Orientador: Dr. Raul Albino Pacheco Filho

Professor Parecerista: Me. Maria Luisa Guedes

Professor Examinador:

Aos meus queridos e muito amados: Adny e Ridaut. Sem
dúvidas, as pessoas mais reforçadoras da minha vida.

AGRADECIMENTOS

E o que me trouxe até aqui? Quais relações eu fiz ao longo da minha história de vida que me colocaram neste lugar, nesta faculdade, nesta abordagem da psicologia, neste tema e, por fim, neste trabalho? Uma série de complexas variáveis, reforçadores e punições me fazem ser o que eu sou hoje. Me fizeram escolher o que eu escolhi. Assim como dedico este trabalho a eles, agradeço aos meus pais que em todas as minhas decisões me apoiaram e me orientaram de uma maneira tão correta que não há agradecimentos que bastem. Não posso excluir os ótimos professores que me mostraram a biologia ainda na época da escola e, em seguida, a Professora querida Maria Luisa Guedes, que, logo no meu primeiro ano de faculdade, me mostrou o que é o Behaviorismo Radical e me apresentou com tanta paixão a proposta do Skinner, na qual eu encontrei (quase) todas as respostas que procurava na ciência da Psicologia. Agradeço a todos os amigos queridos que, com muita paciência, entenderam o grau de relevância deste momento único: o término de uma etapa que teve seu início muito antes dos cinco anos de graduação. Não deixando de fora dos meus agradecimentos Angela Patrícia Gama, que quando tudo parecia perdido e derrotado, trouxe a solução e a conquista de ver o final em algo que parecia eterno. E, por fim, a todos aqueles que foram responsáveis de alguma forma, reforçando ou punindo meu repertório ao longo dos últimos vinte e dois anos, me trazendo questões que eu tive a oportunidade de explorar através deste trabalho.

A espera. Os passos leves. Depois as horas que correm frescas como um riacho em meio à relva sobre seixos brancos. Os sorrisos, as palavras sem importância que são tão importantes. Escutamos a música do coração: é linda, linda para quem sabe ouvir...

Queremos muitas coisas, é claro. Queremos colher todos os frutos e todas as flores. Queremos sentir o cheiro de todos os campos. Queremos brincar. Será mesmo brincar? Nunca sabemos onde começa a brincadeira nem onde ela acaba, mas sabemos que somos carinhosos. E ficamos felizes.

Saint-Exupéry

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de mostrar como o Behaviorismo Radical utiliza-se enquanto objeto de estudo de comportamentos tidos como privados, ou seja, aqueles que somente o próprio indivíduo tem acesso. Contrariando crenças equívocas de que a Análise do Comportamento ignora sentimentos e emoções, ou quaisquer outros processos denominados como cognitivos, discute-se como tal abordagem os inclui dentro do seu campo de estudo, porém com uma proposta diferente: a análise e conhecimento de eventos privados não devem ter nenhuma tratativa especial em comparação a outros eventos conhecidos como públicos. Em outras palavras, o presente trabalho visa elucidar a importância que a Análise do Comportamento atribui a tais processos e, mais ainda, coloca-os dentro de seu campo de estudo, promovendo exatidão e precisão em sua análise, sem se utilizar de nenhum método ou técnica especial para tal.

Palavras-chave: sentimentos, emoções, reflexos, operantes, comportamento verbal, comunidade verbal.

ABSTRACT

This work is meant to show how Radical Behaviorism uses, as object of study, behaviors taken as private, i.e. those ones disclosed only and exclusively to the individual. Against the mainstream of flawed beliefs claiming that Behavior Analysis ignores feelings, emotions and any other process taken as cognitive, the argumentation goes on how such approach includes them into its study range, but looking from a different angle: the analysis and cognizance of private events shall not be treated in any special way in comparison to other events considered as public. In other words, the present work seeks the elucidation of the importance Behavior Analysis gives to such processes and, moreover, sets them into its range of study, promoting precision and control in its analysis, not using any special method or technic for this achievement.

Keywords: feelings, emotions, reflex behavior, operant behavior, verbal behavior, verbal community

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

FIGURA 1: Quadro representativo de alterações reflexas e operantes que envolvem uma relação emocional.....	37
FIGURA 2: Quadro representativo da descrição de contingências e tomada de consciência.....	51

SUMÁRIO

Introdução	11
1. O mundo sob a pele	20
2. Reflexos e operantes	24
3. Emoções e sentimentos	30
3.1 Emoções não são causas.....	30
3.2 O que são sentimentos e emoções.....	33
4. A importância do verbal	39
4.1 O comportamento verbal e o tato.....	39
4.2 A comunidade verbal.....	45
5. A Análise de Contingências (Análise Funcional)	48
5.1 Amor.....	51
5.2 Frustração.....	53
Considerações finais	55
Bibliografia	59

INTRODUÇÃO

A) Objetivos

Logo na Introdução de *Sobre o Behaviorismo*, Skinner (1974) explicita vinte questões falsas que são lançadas à Análise do Comportamento. Entre elas, a primeira é que a abordagem ignora a consciência, os sentimentos e os estados mentais. Em seguida, o autor coloca questões como ignorar processos cognitivos, a arte, não conseguir lidar com as profundezas da mente, entre outras. Este trabalho seleciona algumas destas questões com a pretensão de respondê-las.

Tendo em vista a relevante questão acerca das relações que envolvem os sentimentos para a Análise do Comportamento, propusemo-nos discutir acerca dos princípios do comportamento verbal, visando seus mecanismos, efeitos, importância e uso em tal abordagem. Levanta-se a questão sobre eventos privados, discutindo a conceituação teórica destes, quais suas funções para o ser humano, como são introduzidos no repertório comportamental dos indivíduos e como são entendidos, aprendidos e descritos por estes. Desta forma, questiona-se qual o papel fundamental da comunidade verbal para a conscientização dos indivíduos acerca de seus sentimentos e emoções, entre outras manifestações consideradas encobertas do comportamento humano.

O presente trabalho pretende elucidar os princípios da análise funcional dos comportamentos humanos, voltando-se, principalmente, para a análise de comportamentos privados, mais especificamente sentimentos e emoções. Contudo, primeiramente, pretende-se explicar o que são, sob a ótica do Behaviorismo Radical, sentimentos e emoções, as análises destes e como são introduzidos no repertório do sujeito. Com isso, decorre a necessidade de explicitar problemas conceituais que podem interferir na análise, como a diferença e as relações envolvidas entre estes dois termos.

Uma vez que este trabalho irá discorrer acerca de eventos privados, faz-se necessária uma explicação clara da importância da comunidade verbal no processo de apreensão da descrição por parte do indivíduo. Sendo este um ponto chave para o entendimento de todo o processo descrito acima.

Com isso, pretende-se conceituar termos sob o prisma da Análise do Comportamento, ressaltando a importância dessa distinção e explicação para o entendimento e de alguns processos comportamentais, desde a sua relevância para a

sobrevivência humana ao longo da evolução, até suas relações com o repertório individual de cada um.

B) Contextualização histórica

Não há nada mais familiar que o comportamento humano. Estamos sempre na presença de ao menos uma pessoa que se comporta. Nem há algo mais importante do que o comportamento, quer seja o nosso, quer o de outrem, quer seja ao que vemos todos os dias, quer seja ao que é responsável pelo o que acontece no mundo de um modo geral. (Skinner, 1989, p.83).

Primeiramente, antes de iniciar o levantamento de hipóteses que respondam as questões colocadas acima, é fundamental contextualizar historicamente a Análise do Comportamento e suas contribuições para a análise de comportamentos encobertos, os quais têm diferentes formas de análise, conceitos, causas e consequências de acordo com a abordagem que os explica.

Skinner (1989) afirma que pouco se sabe sobre o comportamento humano, pois este jamais foi encarado como objeto em si próprio, mas como expressão ou sintonia de acontecimentos que ocorrem dentro da pessoa que se comporta. Desde a época de Homero, acreditava-se conhecer os próprios órgãos, como por exemplo o *thumos* (coração). Este não era tido apenas como órgão vital que determinava a vida ou morte da pessoa, mas também a sede de coisas como a ira, alegria, medo, vontade e pensamento. Em suas palavras:

Pode ser que achemos graça, mas nós próprios fazemos muitas vezes a mesma coisa. Seguem-se algumas definições da palavra coração no Third New International Dictionary, (Webster 1981): íntimo da pessoa (“as profundezas do coração”), inteligência (“saber de cor”), caráter (“olhar dentro do coração de alguém”), compaixão (“ter coração”), disposição de ânimo (“coração pesado”), opinião (“coração volúvel”), afeição (“coração partido”), bons agúrios (“de todo o meu coração”), coragem (“coração intrépido”) e gosto (“o que o coração mandar”), e assim por diante.(p. 84.)

Este trecho, com várias referências ao coração, não trata do órgão real em si, mas o aspecto central é que as pessoas apelam para alguma coisa dentro delas mesmas para explicar suas ações.

Foi apenas quando Galeno, em meados do século I d.C., descreveu detalhadamente a anatomia humana, especificamente os nervos e suas ligações com o cérebro e com órgãos dos sentidos e músculos, que ficou claro o erro dos gregos ao apontar o órgão errado. O mais indicado seria o cérebro. As bases do comportamento reflexo¹ começaram a serem traçadas quando Descartes demonstrou como o cérebro e os nervos poderiam explicar comportamentos internos. Mesmo assim, a busca por causas internas não cessou, por mais que noção de estímulos sugira causas externas.

Por mais de dois mil e quinhentos anos, filósofos seguidos por psicólogos discutiram a natureza da matéria prima do ser que vive dentro do corpo, uma vez que parece haver alguém distinto que predetermina nossas ações. Por anos discutiu-se que, fosse mente ou matéria, algo dentro da pessoa determina o que ela faz.

Segundo Matos (1993), na Idade Média, o comportamento humano era explicado a partir da existência de uma alma, assim como no início do século passado, quando a Psicologia dava seus primeiros passos, os comportamentos eram baseados na existência de uma mente. Estímulos ambientais provocavam ideias e estas eram responsáveis pelo comportamento do indivíduo. Assim, o homem era concebido tendo duas naturezas distintas, sejam estas divina e material, ou mental e física. A autora afirma que esta é uma posição conflitante, uma vez que as duas “partes” do homem estão em planos diferentes e, ao mesmo tempo, que a alma ou a mente causavam e explicavam o comportamento, esta era a única evidência da alma ou da mente.

Acessar as imagens ou ideias no mentalismo só é possível através de introspecção, que se revela por meio de uma ação, gesto ou palavra. Desta forma, é criado um modelo causal de ciência, em que a entidade responsável, ou local onde ocorrem processos, provoca as ações do indivíduo. Pode-se desenhar o seguinte modelo de processo comportamental:

Indivíduo passivo recebe impressões do mundo → Essas impressões são impressas na sua mente constituindo a consciência → comportamento

A forma incipiente de comportamentalismo surgiu a partir da teoria da evolução de Darwin, em meados do século XIX, quando este sugeriu que animais não humanos teriam mentes, apontando juntamente com alguns contemporâneos exemplos que

1. Como será discutido no capítulo 2 deste trabalho.

pareciam provar sua teoria. Dando continuidade, Lloyd Morgan alegou que os exemplos de Darwin poderiam ser explicados de outra maneira. Desta forma, o caminho foi aberto a John B. Watson, no começo do século XX, que argumentou que poderia dizer a mesma coisa sobre animais humanos.

Mesmo assim, a predileção por causas internas permaneceu. E com isso, a primeira questão lançada ao comportamentalismo foi se se comprovava a existência de uma consciência. Experimentos foram sugeridos a fim de mostrar se os animais poderiam ou não fazer todas as coisas atribuídas aos sentimentos e aos estados da mente. Caso não pudessem, a vida mental teria de ser reconhecida (SKINNER, 1989).

Watson substituiu estados da mente e sentimentos por hábitos, pretendendo dizer que o comportamento indica a presença de instintos e hábitos. Outros estudiosos depois dele voltaram-se aos estudos do sistema nervoso, mapas cognitivos e sistemas de processos internos com bases filosóficas, como seu colaborador Lashley, o pesquisador Tolman e Clark Hull.

O comportamento foi aceito como objeto de estudo durante o século XIX e começo do século XX, quando os organismos estudados eram muito pequenos, como mostra a obra de H.S. Jennings (1906), *The Behavior of the Lower Organisms*, sendo que os comportamentos dessas criaturas eram simples demais para alegar a existência de processos internos. Foi Jacques Loeb que, em 1916, atribuiu o comportamento como objeto de estudos a organismos maiores, mas ainda partindo de causas internas para explicá-los e o comportamento estudado era do “organismo como um todo”, como explica Skinner ao fazer um breve levantamento histórico da Análise do Comportamento.

B1) *O Behaviorismo Radical*

O Behaviorismo surgiu em um contexto em que apenas mentalismo e introspeccionismo eram estudados e tidos como absolutos na concepção e explicação de comportamentos humanos. Essa abordagem veio em oposição às duas concepções estudadas. No fim do século XIX, a ciência passou a dar mais ênfase na obtenção de dados objetivos, medidas exatas, definições claras, demonstração empírica e experimentação. Foi Watson, em 1924 que deu o as primeiras contribuições para um estudo completo à partir da noção de Behaviorismo ao propor estudar aquilo que era observável no corpo de estudo da Psicologia (MATOS, 1993):

- Estudar o comportamento por si mesmo;
- Opor-se ao mentalismo;
- Aderir ao evolucionismo biológico;
- Adotar o determinismo materialístico;
- Usar procedimentos objetivos na coleta de dados, rejeitando a introspecção;
- Realizar experimentação;
- Realizar testes de hipóteses, de preferência com grupo controle;
- Observar consensualmente.

Nestes itens, é possível notar uma vertente filosófica nos quatro primeiros tópicos e outra metodológica nos quatro seguintes. Isto reflete que o pensamento científico estava sob influência de algumas tendências, entre elas o Positivismo Social de Auguste Comte, em que a ciência é considerada uma atividade do homem e este um ser social, rejeitando a introspecção e estabelecendo critério de verdade observável e consensual. Há também traços do Positivismo Lógico do Círculo de Viena, que prega que a informação só pode ser obtida através dos sentidos, não sendo possível acessá-la por meio da consciência, já que esta tem natureza diferente da do corpo. E por fim, o Operacionismo, derivado da influência do Positivismo Lógico sobre a Física, em que, se o acesso às informações provém do que os sentidos trazem, então a linguagem, pela qual as informações são expressadas, é o mais importante para a ciência. Definir conceitos é fundamental, e definir é descrever cada operação envolvida no processo de medição do conceito, sendo que a descrição deve ser objetiva e referente à termos observáveis. Daí então surge o Behaviorismo Metodológico.

Com isso, a concepção Behaviorista é tão dualista quanto a Mentalista, pois, como todo fenômeno estudado na época da Física Newtoniana Mecanicista, o comportamento deveria ter uma causa, que não fosse a mente e sim algo externo provindo do ambiente, mas que fosse passível de observação. Ora, “o corpo precisa ser animado pela alma tanto quanto o comportamento é expressão da mente ou produto da instigação do estímulo” (MATOS, 1993). Este estímulo refere-se à troca de energia entre ambiente e organismo, ou seja, mudando-se o mundo físico, o organismo, ou parte dele também era mudado, gerando uma reação. A essa mudança observável no organismo deu-se o nome de comportamento. Diante disso, a manipulação experimental

seria a reprodução do modelo de operação S-R². Assim, essa forma de Behaviorismo ficou conhecida como a “Psicologia da contração muscular e da secreção glandular”.

O Behaviorismo Metodológico passou então a apresentar rachaduras em seu modelo de estudo, pois havia certa inflexibilidade ao mudar o critério social de verdade. O sentir ou o ver de uma pessoa não é acessível ao grupo, mas isso não muda o fato de essas sensações existirem. Esse preceito marca uma primeira e fundamental diferença entre o behaviorismo proposto por Skinner e o Metodológico: o homem é a medida de todas as coisas e não o social, acreditando que o que existe para o indivíduo, simplesmente existe. Influenciado pelo Positivismo Lógico, porém com cautela para não se aproximar do subjetivismo e idealismo, Skinner analisa as evidências da existência, aproximando-se da fenomenologia, ou seja, é preciso evidenciar a existência do mundo, do evento entre outras particularidades do homem. O foco da ciência é analisar essa experiência, considerando a análise da experiência do cientista como parte da construção dos conhecimentos científico. Devido a isso, é considerado extremamente relevante o estudo do comportamento verbal, dentro da abordagem proposta por Skinner, pois só a partir desta análise seria possível estudar as circunstâncias em que determinada experiência se dá e, por fim, entendê-la. Então, à experiência de um indivíduo nomeia-se de evento privado e Skinner afirma que tal evento está incluso dentro do campo da Psicologia, em especial da ciência do comportamento. Por isso, esta ciência é radical em dois sentidos: a) nega radicalmente (absolutamente) a existência de algo que foge ao mundo físico e não tenha existência identificável no espaço e tempo (mente, consciência e cognição); e b) aceita radicalmente (integralmente) todo e qualquer fenômeno comportamental.

Por não ter acessibilidade à mente, o behaviorista metodológico nega-lhe status científico, mas não a sua existência. Já o behaviorista radical, nega a existência de uma mente e afins, mas aceita estudar eventos internos. Atentando-se ao fato de que, ao observar eventos internos, não está sendo observado nem a mente a nem a personalidade, e sim próprio corpo do sujeito. Mesmo sabendo da dificuldade de acesso, Skinner não faz separação entre mundo interno e externo, chamando estímulos e respostas de interatividade Comportamento-Ambiente. Vale ressaltar que Ambiente é tido como tudo que é externo ao Comportamento, podendo ser desde um piscar de luz até uma liberação de adrenalina no sangue, sem importar se a relação com o

² S-R é o modo representativo para demonstrar uma relação direta de estímulo e resposta.

comportamento é de contiguidade espaço/temporal. Assim, para Skinner, a psicologia do Behaviorismo Radical não é definida pela relação S-R, pois não existe Comportamento sem as circunstâncias em que ocorre e não é possível falar em circunstâncias sem a especificação do comportamento que circunstanciam.

Os conceitos do Behaviorismo Radical propriamente dito começaram a surgir e ser cuidadosamente definidos a partir do momento que eram inferidos. Entre 1915 e 1931, diversos autores, entre eles o próprio Skinner, passaram a publicar livros e artigos como “*linguagem comportamental*”, sendo que a tese de Skinner (1931) *The concept of the reflex in the description of behavior* pertencia a essa geração de escritos. Skinner trazia a teoria de que “um reflexo não é apenas algo que acontece dentro do organismo, é uma lei do comportamento” (SKINNER, 1989). O estudioso denominou de “variáveis de terceira ordem” que a resposta também pode ser função de variáveis que acontecem nos campos do condicionamento, motivação e da emoção. Contudo, mais tarde, Tolman recolocou este conceito dentro do organismo e chamou-o de “intervenientes”.

De fato, reflexos condicionados ou incondicionados são apenas uma pequena parcela do comportamento de organismos mais elaborados. Seguindo com as pesquisas, Skinner determinou que o ambiente não só impulsiona o comportamento, mas também o seleciona. Com isso, as consequências da ação se tornam mais importantes do que os antecedentes. Este papel já havia sido reconhecido por Thorndike que, em 1898, estudou experimentalmente seus efeitos. A partir do conceito deste autor e alertado pela ênfase de Pavlov acerca do controle das condições, Skinner percebeu que apenas uma consequência reforçadora já é suficiente para aumentar a imediata e rapidamente a frequência de uma resposta. A este processo denominou de condicionamento operante. Enquanto Thorndike atribuía os efeitos de um reforçador a sentimentos de satisfação e desgosto, Skinner relacionou este efeito fortalecedor ao seu valor de sobrevivência para a seleção natural das espécies. Este ainda era um modelo muito simples de contingências reforçadoras, tendo sido explicado de forma mais elaborada em 1938, na obra *Behavior of Organisms*. Arranjos cada vez mais elaborados têm sido estudados em laboratórios do mundo todo, no último século.

Desta forma, o Behaviorismo Radical propõe a existência de dois tipos de transações entre o Comportamento e o Ambiente: a) consequências seletivas que seguem o comportamento e modificam a probabilidade de ocorrerem comportamentos futuros equivalentes de mesma classe; b) situações antecedentes que estabelecem a ocasião para o comportamento ser afetado pelas suas consequências, afetando a sua

probabilidade. A essas duas possibilidades de interações deu-se o nome de “contingências”, que são fundamentais para a Análise do Comportamento. Enquanto que, ao registrar mudanças na probabilidade de ocorrência dos comportamentos, são estabelecidas as relações funcionais.

Ao contrário do Behaviorismo Metodológico, que prefere observações pontuais em diferentes sujeitos, estudando o grupo, o estudo radical do comportamento lida com explicações funcionais e não causais, de modo que o essencial é coletar informações ao longo do tempo, repetidas vezes e com os mesmos sujeitos. Observa-se essencialmente a experiência de determinado sujeito, comparando ele com ele mesmo e utilizando a sua história passada como linha de base.

Vale ressaltar que Skinner rejeita veemente o mentalismo como explicação do comportamento e tem posição não reducionista diante de eventos neurais, ou seja, não aceita que eventos fisiológicos e neurológicos sejam a explicação do comportamento. Este é o próprio campo de estudo. Obviamente existe interação entre funções fisiológicas, mas não em nível de causalidade. Erroneamente, o Behaviorismo Radical é tido como ambientalista e sofre acusações de não considerar o homem, estudando apenas reações mecânicas, superficiais e desconsiderar a subjetividade. Contrariando tal visão, para Skinner, o homem, enquanto organismo, não é nem gerente nem indicador de ações, mas sim o palco em que as interações Comportamento-Ambiente ocorrem (MATOS, 1993).

C) Metodologia

Tratando-se de um trabalho estritamente teórico, este projeto está dividido em seis capítulos, seguindo a ordem em que as questões do problema surgiram e suas relações interdependentes para que haja um entendimento claro do tema.

É importante que haja uma explicação clara do que é exatamente o *mundo sob a pele* para a Análise do Comportamento, uma vez que é esta temática que envolve toda a discussão deste trabalho, tendo sido a questão primordial, ou seja, a pergunta que deu início a toda a pesquisa: Como a Análise do Comportamento lida com as questões provadas? Por este motivo, o primeiro capítulo tem por objetivo enfatizar os conceitos de mundos privado e público e suas relações com o indivíduo e a sociedade, esclarecendo o que é essa privacidade, como ela foi vista até a inserção da Análise do Comportamento no campo da ciência e como é possível atingi-la.

A partir do entendimento de mundo sob a pele, o capítulo dois discorrerá acerca de comportamentos respondentes e comportamentos operantes. Assim, pretende-se elucidar as diversas formas de comportar-se do ser humano, para então poder passar para as origens, causas e formas dos sentimentos. Ressaltar-se-á neste capítulo que comportamentos respondentes e operantes possuem relações íntimas no repertório de um sujeito, ocorrendo de forma interdependente. É de suma importância essa breve explicação sobre o comportamento humano, uma vez que só com tal elucidação será possível dar continuidade à explicação de outros termos que seguirão no restante dos capítulos.

Os sentimentos e emoções serão melhor explicados no capítulo três, em que pretendemos relacionar os temas discutidos nos capítulos anteriores. A pretensão é distinguir a forma conceitual entre estes dois termos e que sejam elucidadas as relações comportamentais em que estão envolvidos. Este capítulo terá duas subdivisões, uma vez que, na história da humanidade, as causas do comportamento humano sempre foram atribuídas ao que as pessoas sentiam. A primeira subdivisão tem por objetivo promover a dissociação de causalidade que tem os sentimentos, mostrando que as causas dos comportamentos humano devem ser buscadas em suas relações totais e não em fatores mentalistas e cognitivos. A segunda subdivisão irá discorrer acerca da visão do Behaviorismo Radical de sentimentos e emoções, explicitando como são analisados, como são adquiridos pelo sujeito, suas partes respondentes e operantes e suas diferenças enquanto conceitos teóricos.

Antes de aprofundar na questão das funções que sentimentos e emoções têm em um organismo, é essencial que a importância da comunidade verbal seja ressaltada, de modo que o capítulo quatro é inteiramente destinado à explicação do papel deste ponto fundamental na descrição e manipulação dos sentimentos e emoções. Em uma primeira subdivisão, será explicado o conceito de comportamento verbal para Skinner, chegando ao operante verbal de tato, relacionando com os conceitos de sentimentos, emoções e eventos privados.

Seguindo a ordem da demanda do problema proposto para este trabalho, o quinto capítulo será destinado à explicação da contextualização da Análise de Contingências no Behaviorismo Radical, como esta é utilizada e contribui para a compreensão de sentimentos e emoções, dando-lhes mais clareza no momento de estudo.

1. O mundo sob a pele

Uma pequena parte do universo está contida dentro da pele de cada um de nós. (...) Nós a sentimos, e num certo sentido, a observamos e seria loucura negligenciar tal fonte de informação só por ser a própria pessoa a única a estabelecer contato com seu mundo interior. (Skinner, 1974/1993)

Como já foi abordado na Introdução deste trabalho, afirma-se que foi Platão quem descobriu a mente, porém muito antes dele, os gregos já haviam feito uma proposta de mente, em que misturavam Fisiologia e Metafísica. Com isso, deu-se origem ao primeiro modelo de mentalismo que perdurou no mundo ocidental por mais de dois mil anos. E, ao longo desses milênios, acreditou-se que a mente se encontra em um lugar não físico, obedecendo às leis de mesma origem. Por mais que tenha se insistido nesse modelo explicativo mentalista, muitos estudiosos concordam que pouco progresso foi feito desde o início dos estudos.

Enquanto isso, o Behaviorismo progrediu muito em relação às abordagens mentalistas, de modo que sua tecnologia de análise de eventos ambientais, em relação ao mundo sob a pele, permite explicar comportamentalmente qualquer termo sustentado pelo mentalismo atual.

A vida mental, segundo abordagens mentalistas, está intimamente relacionada com pulsões, instintos, necessidades e emoções³. Assim sendo, a *psique*, que antes era ligada ao intelecto, atualmente é utilizada para denominar a vida emotiva, até mesmo pelos leigos. Então, em grande parte das vezes, dá-se à *psique* um lugar de causalidades, como se esta controlasse os sentimentos, pensamentos e desejos do indivíduo. Como será exposto mais adiante, o Behaviorismo Radical pretende explicar tais processos de outra maneira, de forma que a causa deva ser buscada em outros aspectos do comportamento.

Essa fala de Skinner, que aparece no primeiro parágrafo do capítulo *O mundo dentro da pele*, do *About Behaviorism*, revela o pensamento radical de sua abordagem, já que a experiência a qual uma única pessoa tem acesso é considerada como fonte de informação. Partindo disso, o autor faz referências aos três sistemas nervosos com os quais o ser humano pode ter contato com o seu mundo interior: sistema introceptivo, relacionado aos órgãos e glândulas; proprioceptivo, relacionado aos músculos, esqueleto e áreas envolvidas na postura e movimentação; e, por fim, o exteroceptivo, que

³ Esses termos são melhores explicados por Skinner em *Sobre o Behaviorismo* (1974).

responde pelo ver, ouvir, degustar, cheirar e sentir todas as outras coisas do mundo externo, mas não deixa de ter sua relevância no contato com o próprio corpo do sujeito. Os dois primeiros sistemas citados são os principais responsáveis pelo uso do verbo “sentir”, que coloca o indivíduo em contato com o seu mundo interno.

Em relação a estes três sistemas nervosos, pode-se dizer que tiveram grande importância para a sobrevivência da espécie, uma vez que, provavelmente, desempenharam funções de importância biológica. Contudo, com o aparecimento do comportamento verbal, passaram a desempenhar outro tipo de função: dão acesso ao outro à informações que apenas uma pessoa tem, assim passa a ser possível inferir previsão do que determinada pessoa irá fazer e, por conseguinte, permite que haja uma preparação para tal ação a ser realizada.

É particularmente importante que uma ciência do comportamento enfrente o problema da privacidade ... Uma ciência adequada do comportamento deve considerar os eventos que ocorrem sob a pele de um organismo, não como mediadores fisiológicos do comportamento, mas como parte do comportamento em si. Pode lidar com estes eventos sem assumir que eles têm qualquer natureza especial ou que devem ser conhecidos de uma maneira especial. A pele não é tão importante como um limite. Eventos privados e públicos têm o mesmo tipo de dimensões físicas. (SKINNER, apud ANDERY, MICHELETTO e SÉRIO, 2009, p.7)

Tendo em vista tal perspectiva, a visão do behaviorista acerca do mundo privado apresenta algumas vantagens sobre a visão tradicional da psicologia, entre elas destaca-se o fato de que abordagens tradicionais da Psicologia podem obscurecer causas reais do comportamento quando buscam uma explicação interna, baseando-se em um senso causal errôneo que seriam em sentimentos e outras formas de introspecção (SKINNER, 1974/1993), de modo que não conseguem agir sobre os comportamentos e modificá-los. A vantagem do behaviorista é que ele consegue identificar as reais causas dos comportamentos e sentimentos no ambiente do indivíduo, não atribuindo essa causalidade à entidades de dimensões distintas e, assim, é capaz de agir sobre as contingências e produzir modificações significativas no repertório do organismo.

Rico, Golfeto e Hamasaki (2012) exemplificam essa situação com um caso de depressão na clínica terapêutica. Quando o terapeuta assume a posição de que a tristeza profunda é a causa da depressão, deverá trabalhar sobre essa tristeza e eliminá-la. Se

não houver clareza das relações ambientais que realmente provocam essa tristeza, a terapia pode levar muito tempo e nunca ser, de fato, eficaz. Nestes casos, muitos profissionais optam pelo uso de medicamentos, que são um modo de agir sobre os sentimentos, mas não os eliminam, pois provavelmente quando a medicação for cortada, o indivíduo pode ter uma forte recaída. Isso ocorre pelo fato de as causas reais de sua tristeza profunda não foram trabalhadas. Tal fato só fortalece a visão de que os sentimentos não são causas de comportamentos. Então, para evitar recaídas de depressão e melhorar a qualidade de vida do cliente é necessário modificar as contingências das quais os comportamentos, sentimentos, ideias e afins são função.

Há um sem fim de comportamentos encobertos, dos quais, geralmente, as pessoas não têm o conhecimento de que podem ser analisados e estudados, sem recorrer a eles mesmos para a explicação de suas causas. Comumente é dito que se faz algo porque se tem vontade, ou porque pensou que seria a melhor saída, ou até mesmo justificando com crenças. Contudo, o que não se sabe com exatidão é que ter vontade, pensar e acreditar são modos de se comportar, mesmo que tais ações não sejam visíveis para outras pessoas. Ora, sendo comportamentos, mesmo que encobertos, possuem uma causa que pode ser buscada no ambiente, não sendo encontrada no próprio interior da pessoa, pois desta forma a explicação se torna redundante.

Skinner (1974/1993) enfatiza que a questão da privacidade é contornada pela comunidade verbal na medida em que esta ensina seus indivíduos a relatar os próprios comportamentos. O autor inicia citando *comportamentos usuais*, mais fáceis no ensino, pois são observáveis pela comunidade. *Comportamentos prováveis, perceptivos, passados e futuros*, são mais complexos, uma vez que a comunidade não tem acesso direto a eles. É necessário que perguntas como “O que você pretende fazer?”, “O que você vê?”, “O que você fez ontem?” e “O que você vai fazer?” sejam feitas ao indivíduo para se ter acesso a algo que somente ele tem. O *Comportamento Encoberto* também exige um grau de complexidade maior, quando se questiona “O que você está pensando?”, pois descrever comportamentos encobertos pode ser descrever comportamentos públicos “em miniatura”, mas a probabilidade é maior de que esteja sendo descritos condições privadas relacionadas com comportamentos públicos, que não são necessariamente geradas por ele.

Portanto, quando se fala de mundo sob a pele, é referir-se a um modo de comportar-se com as mesmas propriedades do mundo físico. Não se atribui ao interior de uma pessoa as causas de seu comportamento, por mais que, por centenas de anos,

tenha se pensado assim. O Behaviorismo Radical apresenta uma proposta diferente: o mundo sob a pele de cada um deve ser estudado e analisado nas mesmas proporções de qualquer outro comportamento que seja acessível ao resto da comunidade. Nos capítulos que seguem, partes do mundo interior humano serão ressaltadas sob a ótica da Análise do Comportamento, relacionando o Comportamento Verbal e sua relevância para a humanidade no que diz respeito ao acesso ao mundo sob a pele.

2. Reflexos e Operantes

O essencial na maioria das vezes, não tem peso. Aqui, aparentemente, foi só um sorriso. Um sorriso é muitas vezes o fundamental. Somos pagos com um sorriso. Somos recompensados com um sorriso. Somos animados com um sorriso. (EXUPÉRY, 2002)

A Análise do Comportamento fundamenta-se no estudo do comportamento humano e o homem, como todas as espécies, é um produto da seleção natural. De acordo com Andery, Micheletto e Serio (2009), contemplando essa concepção defendida por Skinner, é importante considerar dois aspectos: a) vislumbrar a teoria da evolução através da seleção natural; e b) as relações envolvidas no comportamento. O primeiro aspecto tem suas bases na teoria da evolução de Darwin (1809 – 1882) que, em oposição aos pensadores contemporâneos de sua época, defendia que as espécies não eram imutáveis, ou seja, apresentavam mudanças ao longo de sua história evolutiva. Com isso, os processos de variação e seleção levam a compreensão acerca da diversidade entre as espécies em geral, como também das características únicas de cada uma, incluindo a espécie humana. Em outras palavras, é com o estudo da história evolutiva que é possível atingir a origem das características que a espécie humana tem em comum com as outras e suas características particulares. Assim, vislumbrar a teoria da seleção natural mostra que o homem é um produto da natureza e não fenômeno histórico, sendo assim, seres humanos são produtos do próprio homem.

Desta forma, é possível afirmar que o que é chamado de *comportamento* também evoluiu no processo que envolve a espécie humana, sendo que este constitui sempre um caráter relacional entre o indivíduo e o ambiente, formalizando o segundo aspecto do estudo do comportamento citado acima. Foi Descartes que deu início ao pensamento de que o comportamento poderia ocorrer a partir de uma causa externa ao sugerir que a espontaneidade poderia ser apenas aparente em algumas situações. Ao tal agente externo deu-se o nome de *estímulo* que controla o comportamento denominado como *resposta*. Esses dois elementos juntos compõem o *reflexo*. Logo, a interação entre as atividades do organismo são chamadas de *respostas* e eventos ambientais de *estímulos*.

Com isso, é possível dizer que, se o objeto de estudo da Análise do Comportamento é o próprio comportamento, então, é o mesmo que dizer que estuda-se a interação das atividades de um organismo com o meio em que vive. É de suma importância que não haja limitações metodológicas na relação entre sujeito e ambiente, ressaltando que

ambiente diz respeito à situação na qual a resposta ocorre, ou seja, os estímulos antecedentes ao responder e aos estímulos que seguem a respostas, chamados de estímulos consequentes. Em relação às atividades dos organismos, ressalta-se que seres vivos estão sempre respondendo, por mais que não seja visível a um observador. Sejam respostas encobertas – aquelas que só o sujeito tem acesso – ou seja, respostas públicas, a dificuldade de observação não é critério suficiente para excluir sua existência e seu estudo do campo da psicologia. Então, é muito comum que tanto estímulos como respostas sejam tidos apenas no campo da observação e do mundo físico, quando, na verdade, estímulos e respostas podem ocorrer de forma privada sem perder suas propriedades particulares de estimulação e responder.

A partir dessa breve introdução, acrescenta-se que o organismo se relaciona com o ambiente de forma *respondente*, ou *reflexa* e *operante*. O reflexo foi atribuído, primeiramente, a eventos neurais, mas tais hipóteses passaram a ser desnecessárias quando surgiu o conceito de estimulação e a descoberta de técnicas de controle e previsão de comportamentos. Mais precisa ainda é a previsão do comportamento *eliciado* por estímulos, o comportamento reflexo ou respondente, uma vez que todos os reflexos têm característica comum de que “um estímulo específico produz confiavelmente / seguramente uma resposta específica em um organismo fisicamente sadio.” (BENVENUTI, GIÓIA, MICHELETTO, ANDERY e SÉRIO, 2009, p. 49).

Por exibir padrões que garantiram a sobrevivência da espécie ao longo de sua história de evolução, o comportamento reflexo é inato ao indivíduo, sendo determinado filogeneticamente, ou seja, todos os indivíduos de determinada espécie possuem características comuns. Por ser inato, esse tipo de relação ocorre seguindo o esquema estímulo - resposta, de modo que, nesse tipo de relação, as respostas são determinadas por eventos antecedentes. Por exemplo, a salivação que é produzida quando o organismo entra em contato com o alimento, ou os olhos lacrimejam em contato com poeira. Por isso que é usado o verbo *elicar*, já que em uma relação respondente o organismo simplesmente responde ao meio, ou seja, a palavra *elicar* dá uma conotação de forçar a resposta, que é o que ocorre neste tipo de relação. Pode-se dizer, então, que o comportamento reflexo possui valor de sobrevivência para as espécies, na medida em que uma digestão não ocorre sem que haja secreção das glândulas dos músculos lisos, ou que os olhos podem se ferir seriamente se não houver secreção de lágrimas quando entra uma poeira, ou pessoas poderiam se queimar gravemente, se os músculos das mãos não se manifestassem prontamente diante de uma superfície extremamente quente.

Sobretudo, a relação reflexa se dá de forma mais complexa do que aparenta. Diversos estímulos podem eliciar diversas respostas e não basta apenas observar a resposta eliciada. É preciso analisar a probabilidade da resposta ocorrer não apenas na presença, mas também na ausência do estímulo eliciador. A esta análise dá-se o nome de *probabilidade condicional da resposta*. Segundo Benvenuti, Gióia, Micheletto, Andery e Sérgio (2009):

A notação que descreve a probabilidade condicional da resposta expressa-se por: $p(R/S)$ [probabilidade da resposta ocorrer na presença do estímulo] e $p(R/NS)$ [probabilidade da resposta ocorrer na ausência do estímulo]. Lemos essa notação como: a probabilidade da resposta específica na presença de um estímulo específico e a probabilidade da mesma resposta na ausência do estímulo. Para Catania (1999), chamamos de relação respondente aquela em que a resposta tem probabilidade próxima de 1,0 na presença do estímulo enquanto a probabilidade da resposta na ausência do estímulo é próxima a zero. (p. 50)

O comportamento reflexo é dividido entre reflexos incondicionados e condicionados. O primeiro é assim chamado, pois não depende de um condicionamento ao longo da história de vida do indivíduo. Contudo, vários eventos ambientais são pareados a estímulos incondicionados, que passam a eliciar os mesmos efeitos reflexos. Tais estímulos exercem a função de estímulos eliciadores condicionados, uma vez que a resposta reflexa eliciada não é inata e sim aprendida (RICO, GOLFETO e HAMASAKI, 2012).

Foi o russo I.P. Pavlov, em seus estudos com cães, que investigou os efeitos de um condicionamento reflexo. Antes de suas pesquisas, dizia-se que, se alguém salivava na ausência do alimento, estava tendo uma “secreção psíquica” causada pelo pensamento na comida, ou pela fome. O pesquisador, não satisfeito com tais explicações, estudou a salivação em um cão. O ambiente era rigorosamente controlado, de modo que o animal não era capaz de sentir nenhum cheiro, ou ouvir sons fora da sala de experimentação. Então, juntamente com a apresentação do alimento, um som alto enchia a sala. Deste modo, o som adquiriu a propriedade *eliciadora* de salivação no cão. Pavlov denominou o processo de condicionamento como substituição de estímulos, ou seja, um estímulo que antes era neutro passa a ser eliciador de uma resposta primeiramente eliciada por outro estímulo. A partir dessa descoberta, o pesquisador investigou todas as

propriedades do processo de condicionamento: o intervalo de tempo entre a apresentação dos estímulos, até que ponto as propriedades do estímulo podem exercer controle e o processo inverso, em que o estímulo condicionado perde o poder de eliciar as respostas no momento em que deixa de ser reforçado. Vale ressaltar que qualquer resposta condicionada baseia-se em reflexos incondicionados. A relação entre esses dois processos é estreita e interdependente.

Exemplos associados ao presente trabalho podem ser descritos em relação a um indivíduo que vê alguém que ele odeia. Essa visão pode eliciar comportamentos agressivos, mas não apenas na presença da pessoa que é o objeto de ódio. Comportamentos agressivos podem estar presentes diante de quaisquer outros estímulos relacionados a essa pessoa, sejam eles roupas parecidas, assuntos que essa pessoa costuma comentar etc. Outro exemplo é uma reação de saudades, quando um apaixonado afastado da pessoa que ama entra em contato com imagens, objetos, ou músicas que embalsamaram momentos de prazer em companhia da pessoa amada.

Os reflexos, condicionados ou não, referem-se principalmente à fisiologia interna do organismo. Muitas vezes estamos mais interessados, entretanto, no comportamento que produz algum efeito no mundo ao redor. (...) As consequências do comportamento podem retroagir sobre o organismo. Quando isso acontece, podem alterar a probabilidade de o comportamento ocorrer novamente. (SKINNER, 1953/2007, p. 64-65).

Foi Thorndike, em 1898, que deu início aos estudos de mudanças ambientais ocasionadas pelas consequências de comportamentos. Percebeu que um gato colocado em uma sala, cuja única saída era através de uma porta, se saía tão bem quanto um ser humano da situação, talvez levando um pouco mais de tempo apenas. Descreveu seus resultados dizendo que o comportamento foi se estabelecendo e chamou o comportamento seguido por certas consequências de “Lei do Efeito”.

Falar sobre a Lei do Efeito, ou mais propriamente dito do comportamento operante, é falar em alterações na probabilidade que um indivíduo tem de agir de determinada forma. Assim sendo, o princípio do comportamento operante é que, em certa situação, este comportamento produz alguma alteração no ambiente e esta alteração, por sua vez, implica na probabilidade de o comportamento voltar a ocorrer. Recorrendo ao laboratório e experimento com ratos, é possível notar que se for apresentada uma gota de água a um animal em privação no momento em que ele aperta a barra, as respostas de

apertar a barra provavelmente aumentarão de frequência. Exemplos cotidianos são facilmente encontrados: as pessoas trabalham, pois no fim do mês receberão seu salário. A moça liga para o namorado, pois este a atende e lhe dá atenção. Pessoas vão à festas, pois encontrarão com os amigos e poderão desfrutar da companhia de pessoas queridas.

Portanto, não é correto o uso do termo aprendizagem ou pegar o hábito de fazer alguma coisa. A moça não “aprendeu” que ligar para o namorado faz com que este lhe dê atenção. Nas palavras de Skinner (1953/2007) “a maneira mais simples de enunciar o processo é a que segue: tornou-se uma determinada consequência contingente a certas propriedades físicas do comportamento, e verificou-se aumento na frequência do comportamento.” (p. 70).

Com este conceito, é possível prever e controlar respostas futuras semelhantes àquelas que foram emitidas anteriormente e conseqüenciadas. Então, a unidade que será medida não é a resposta em si, mas uma classe de respostas denominada de “operante”. Emprega-se este termo, pois dá a conotação de que o comportamento do indivíduo *opera* sobre o ambiente, gerando conseqüências. E são essas conseqüências que determinarão se as respostas do indivíduo estão dentro de uma classe de respostas. Por exemplo, voltemos ao rato que aperta a barra para conseguir água. Ele pode apertar a barra com a boca, com as duas patas, com uma pata só etc. Todas essas respostas fazem parte de uma única classe, uma vez que o ato final delas é apertar a barra e fazer surgir uma gota de água.

Encontra-se, então, a noção de reforço. Pavlov usava este termo para designar os eventos que fortaleciam um comportamento. Porém, em seus experimentos, o reforço é associado a um estímulo, e no comportamento operante o reforço é contingente a uma resposta. Assim, o reforço é o estímulo apresentando contingentemente ao comportamento de um indivíduo, sendo responsável pelo aumento na probabilidade de tal comportamento voltar a ocorrer. A moça se comporta ao ligar para o namorado e tal comportamento é imediatamente reforçado quando o rapaz atende. Então, a atenção do namorado é o *reforçador* do comportamento da moça de ligar. A este processo denominou-se de *condicionamento operante*. Pode-se dizer que no cotidianos as pessoas são constantemente reforçadas e que muitas das ações do homem são pautadas no condicionamento operante: dirigir, falar, andar de bicicleta, dirigir, pilotar aviões etc. Caso ocorram modificações no ambiente, o comportamento pode facilmente ajustar-se e novas respostas, ou modos de se comportar, surgirão. O reforço operante não apenas

modela um repertório, mas aumenta a eficiência e mantém fortalecido um comportamento.

Reforçadores podem ser positivos, ou seja, acrescentam algo no ambiente, ou negativos, quando se retira algum aspecto aversivo do ambiente. Em ambos os casos, o efeito é o mesmo: as respostas que são conseqüenciadas por eles aumentam a probabilidade de ocorrer. Reforçadores também podem ser primários, sendo estes responsáveis pela sobrevivência do indivíduo (água, alimento, contato sexual etc) ou condicionados, quando outros estímulos do ambiente são pareados ao reforçador primário, como, por exemplo, a mãe de um bebê se torna reforçador condicionado, pois sempre se apresenta quando alimenta a criança com leite. Então, ocorre o pareamento entre alimento + presença da mãe, de modo que a própria mãe se torna um reforçador condicionado. Há também os reforçadores generalizados, quando um reforçador condicionado é emparelhado com mais de um reforçador primário. Exemplos de reforçadores generalizados são: atenção, dinheiro, elogios, submissão, símbolos etc.

Por fim, o comportamento operante difere do comportamento reflexo no que diz respeito às alterações ambientais. Enquanto o reflexo age exclusivamente no organismo, o operante age no ambiente, alterando-o e modificando também o organismo que se comporta. Alguns exemplos de comportamento operante serão melhor elaborados no decorrer deste trabalho.

3. Emoções e Sentimentos

Fico chateado, pois até a minha tristeza está arruinada. Teria sido triste se você não tivesse podido vir. Mas, para todos a vida está difícil. Eu não teria ficado magoado com você. Mas fiquei magoado por ter-me deixado esperando, não por não ter vindo. (Saint-Exupéry, 2009, p. 25)

Como já foi explicitado nos capítulos anteriores, Skinner afirma a existência de um universo privado, acessível apenas ao sujeito e que pode ser estudado como uma parte do ambiente, constituindo o comportamento. Em outras palavras, o universo dentro da pele de cada um pode ser transformado em ambiente. Vale ressaltar também que este universo privado não tem uma natureza diferenciada e não requer nenhum conhecimento ou tática especial para estudá-lo. Por isso, o fato de estar dentro das limitações da pele não é suficiente para negligenciar o mundo privado.

A frase de início deste capítulo revela a noção de causalidade de sentimentos que será discutida a seguir.

3.1 Emoções não são causas

O amor não é pensar, mas ser. (SAINT-EXUPÉRY, 2002)

Antes de dar início a este capítulo, é essencial ressaltar que emoções e sentimentos não são causas de comportamentos. Normalmente, o leigo diz que chora pois está triste, ou sorri porque está alegre, atribuindo à emoção uma causalidade fictícia. Tanto o comportamento, como a emoção e o estímulo externo são elos da mesma cadeia causal. Pode-se atribuir ao elo médio característica psíquica, afirmando que determinada situação externa faz com que o indivíduo sintá-se emocional e tal sentimento o incita a agir daquela maneira. Contudo, a alteração mais óbvia que está presente no *sentir* *emoção* são as respostas dos músculos lisos e das glândulas, excluindo o caráter psíquico do elo médio da cadeia e atribuindo propriedade fisiológica. Assim, corar, sorrir, arrepiar, chorar são exemplos reais dessas alterações. Normalmente, as pessoas atribuem à emoção uma conotação causal, ou seja, como se a emoção as levasse a agir de determinada maneira, como é demonstrado no esquema abaixo:

evento externo → emoção interna → comportamento

Tanto em *Ciência e Comportamento Humano* (1953), como em *Questões Recentes na Análise do Comportamento* (1989), Skinner cita James-Lange e sua teoria que teria dado início ao conceito de que emoções e sentimentos não são causas de comportamentos. De acordo com a teoria de James-Lange, nos sentimentos tristes porque choramos, sentimos raiva porque batemos, medrosos porque trememos, e não choramos, batemos e trememos porque sentimos algo correspondente a essas ações. Apesar de estar incorreta, essa afirmação sustenta a base de que emoções e sentimentos não são causas de comportamentos.

A frase que abre esse capítulo mostra, de certa forma, que o amor, enquanto emoção, não é atribuído a uma causa interna, como o pensar, mas sim ao ser. Ora, se o ser é entendido como uma relação do indivíduo com o meio que o cerca, o amor nada mais é do que a relação do indivíduo com esse ambiente. Relação esta que envolve uma situação antecedente, uma resposta e uma consequência, de modo que os dois elos extremos da cadeia alteram a probabilidade e a frequência da ocorrência da resposta.

Assim, é errôneo e redundante dizer que a causa de um comportamento está em uma emoção, ou em um pensamento, ou em uma ideia, por exemplo. Tal afirmação não explica nada. É de suma importância observar e tomar conhecimento daquilo que provocou a emoção e todos os comportamentos que a compõem. Como será discutido no tópico seguinte, o que compõe a emoção são os comportamentos (encobertos ou não) do indivíduo ao qual dá-se o nome de raiva, amor, tristeza etc.

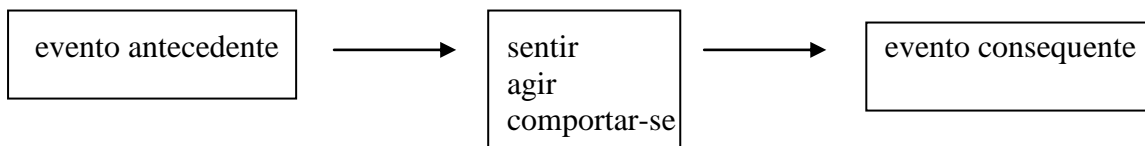
Não é possível evoluir cientificamente enquanto emoções forem concebidas como estados privados e inacessíveis. Dizer que uma pessoa se comporta de determinada maneira por estar triste ou com raiva não leva a nenhum progresso. É extremamente importante identificar como tais emoções foram induzidas e como podem ser alteradas. De acordo com Skinner (1953/2007):

(...) Precisamos também saber como a frustração ou a ansiedade foi induzida e como pode ser alterada. No final, encontramos-nos lidando com dois eventos – o comportamento emocional e as condições manipuláveis das quais esse comportamento é função – que constituem o objeto próprio do estudo da emoção. (p. 184).

Apesar de ser conhecido que as causas do comportamento não devem ser atribuídas aos sentimentos, tal fato ocorre comumente. Ao longo de suas obras, Skinner afirma que há duas razões para isso acontecer: a) os sentimentos se mostram praticamente ao mesmo tempo em que os comportamentos, ou até mesmo anteriormente; e b) os eventos ambientais que antecedem os sentimentos e os comportamentos muitas vezes não são identificados, seja porque as pessoas não costumam dar atenção a eles ou porque a situação antecedente é tão complexa que as variáveis que afetam o comportamento podem se confundir. Então, para descobrir as reais causas de comportamentos e sentimentos, deve-se fazer a seguinte pergunta: “O que no ambiente provoca e mantém os comportamentos de um indivíduo?”. Com certeza essa não é uma questão fácil de ser respondida, uma vez que pessoas estão em constante interação com o ambiente e sempre mudando. O problema surge também em decorrência da complexa história que o indivíduo humano carrega, envolvendo a filogenética, ontogenética e cultural (Rico, Golfeto e Hamasaki, 2012). Nenhum sentimento, emoção ou comportamento pode ser analisado atentando-se individualmente a uma determinada parte da história do organismo. Esses três elos devem ser levados em consideração em um levantamento de hipóteses.

A cultura também pode ser responsável pelo costume de se atribuir às emoções e sentimentos as causas dos comportamentos, pois a comunidade não ensina seus indivíduos a olharem para os antecedentes dos estados emocionais. Desde pequenas, as pessoas são ensinadas a relacionar seus comportamentos como causados pelo o que sentem. Volta-se a questão de chorar porque se está triste e sorrir por estar feliz.

Portanto, não é correto atribuir as causas de quaisquer comportamentos a eventos internos. Alguém não abre uma porta por ter tido uma ideia, ou por ter vontade de entrar. A causa da ação de abrir a porta deve ser buscada na situação antecedente a ela, assim como a sua probabilidade de voltar a ocorrer deve ser encontrada no que ocorreu posteriormente. É o processo todo que vai determinar as causas de um comportamento, não adiantando olhar especificamente para apenas um dos elementos que o compõe. É incompleto e redundante dizer que alguém faz alguma coisa baseado no que sentiu. Algo acontece no meio, a pessoa sente, pensa, tem vontade e se comporta, só então algo é modificado em seu ambiente. Essa confusão de causalidade pode ocorrer, pois geralmente as pessoas sentem algo *enquanto* estão se comportando, ou até mesmo antes de começarem a se comportar, como mostra o modelo abaixo:



3.2 O que são sentimentos e emoções

O que sentimos quando temos fome, aquela fome que levava os soldados de Espanha, sob a chuva de balas, para a lição de botânica, que levou Mermoz para o Atlântico Sul, que leva outro para o poema – o que então sentimos é que a gênese não terminou e que precisamos tomar consciência de nós mesmos e do universo. (SAINT-EXUPÉRY, 1939/1986, p. 163)

Emoção é um fenômeno: é de suma importância esclarecer que, se tratando de emoções, não é possível dizer que sejam uma entidade coisificada. Emoções são fenômenos que envolvem processos comportamentais. Então, em relação aos termos utilizados, a princípio, Skinner (1953/2007) discorre acerca de eventos internos, denominando parte deles de emoções. Dessa forma, a fim de esclarecer qualquer questão sobre os termos sentimentos e emoções, ele define emoções de modo genérico como um “estado em que há aumento ou diminuição da frequência de uma classe de respostas induzida por uma classe de operações” (p.182).

A partir de uma operação emocional ocorre com indivíduo: a) mudanças no estado corporal (reflexos - músculos lisos e estriados); b) mudança na postura; e c) alterações na probabilidade de ação. Este processo será descrito mais detalhadamente ao longo deste capítulo. Logo, as emoções caracterizam-se também pela probabilidade de um indivíduo se comportar de determinada forma em uma dada situação. Entre a classificação das emoções, estão as classes de respostas evocadas e eliciadas em um indivíduo a partir da exposição a determinados estímulos. Segundo Skinner “os nomes das assim chamadas emoções servem para classificar o comportamento em relação a várias circunstâncias que afetam a sua probabilidade” (1953/2007, pg. 178). Emoção é uma situação externa, modifica o corpo e os operantes, alterando o valor reforçador de alguns eventos. Porém, vale ressaltar que definir e identificar emoções não é tão importante quanto analisar seus efeitos no indivíduo.

Antes de dar início aos três elos do processo emocional, é necessário explicitar o que são operações emocionais. Diversas situações podem gerar diferentes tipos de emoções que muitas vezes são igualadas e reduzidas em uma única denominação. Por exemplo, se alguém não consegue passar por uma porta por estar trancada, ou não consegue entrar em contato com a pessoa amada, ou é privada de alguns reforçadores, pode ser que surja a emoção de frustração. Contudo, por mais aparente que seja essa emoção, não é possível reduzi-la a uma única classe de respostas. “A raiva produzida por certa circunstância pode não ser a mesma que produzida por outra. (...) O reconhecimento de emoções mistas sugere que a classificação usual faz distinções que nem sempre correspondem aos fatos.” (SKINNER, 1953/2007, p. 180). Então, uma operação emocional é caracterizada pela ausência de reforçadores, ressaltando que o estado de privação aumenta a probabilidade de certo indivíduo agir, de modo que ela irá comportar-se da mesma maneira ou de forma parecida com a qual foi reforçada no passado.

Entre outros exemplos, é possível citar emoções que são mais sutis e mais difíceis de identificar, por poderem quase se confundir com outras emoções: uma pessoa solitária que sofre por amor que antes era correspondido e agora não mais, uma criança perdida em que todos os seus comportamentos que antes eram seguidos da presença dos pais agora não estão surtindo efeito, ou quaisquer outros comportamentos que foram antes reforçados e passam a não ser mais. Com isso, nota-se que a emoção está bem próxima da motivação, praticamente superpondo-se, de modo que privações extremas agem como operação emocional, no sentido que a privação coloca o indivíduo em uma situação de procurar os antigos reforçadores para seu comportamento, aumentando a probabilidade de tentar comportar-se da maneira como era reforçado anteriormente.

Skinner (1953/2007) inicia a discussão acerca do que são emoções, indicando que as alterações mais óbvias que acontecem nesses estados são provenientes dos músculos lisos e glândulas (suar, corar, chorar, etc.), indicando aqui o primeiro elemento característico de alterações emocionais citado no parágrafo acima. Contudo, não é possível distinguir padrões de respostas dos músculos e glândulas particulares de cada emoção. Existem alguns padrões característicos dessas respostas em cada uma das emoções, mas, em geral, as diferenças entre as classes de respostas não são grandes dentro desse quesito. Vale ressaltar que, apesar de ser essencial o reconhecimento da ação dos músculos e glândulas nas respostas emocionais, não é suficiente para

diagnóstico, pois o funcionamento fisiológico pode ocorrer em outras circunstâncias, como em excesso de exercício físico pesado ou em contato com calor, por exemplo.

Então, apesar de apresentarem características reflexas incondicionadas, não é só por este elo que a emoção se constitui. Rico, Golfeto e Hamasaki (2012) discutem essa questão, deixando claro as relações envolvidas em uma emoção, além de reflexos incondicionados:

A maneira como reagimos a eventos do ambiente, ou melhor, o sentimento concomitante a cada evento ambiental que nos afeta não foi aprendido apenas por condicionamento reflexo. Novos pareamentos entre eventos ambientais e sentimentos decorrem de nossa história de condicionamento operante. Nascemos com maior sensibilidade a uma série de eventos ambientais (reforçadores e punidores) em decorrência da nossa espécie. Esses estímulos também podem ser eliciadores incondicionados de respostas emocionais. Como, na contingência operante, estímulos reforçadores e punidores surgem diante de determinado estímulo discriminativo, tais estímulos podem se tornar também eliciadores condicionados das respostas emocionais que antes eram produzidas apenas pelos estímulos reforçadores ou punidores. (p.92).

Ilustrando este trecho com um exemplo envolvendo contingências de reforço positivo, pode-se mencionar um casal de namorados que se separa e um deles sempre busca informações constantemente sobre o outro. O comportamento de estar junto, conversar, saber sobre o outro que era reforçado no passado, passa a ser emitido semelhantemente quando um deles procura ter algum contato direto ou indireto, ou seja, ouve as músicas que o amado ouvia, vai aos lugares que iam juntos, vê a pessoa amada em todos os lugares, mesmo que ela não esteja presente. Os sentimentos de prazer, felicidade e bem-estar que eram evocados quando em companhia do ser amado, passam a aparecer também pareados a qualquer outro estímulos que estejam relacionados a essa pessoa.

Pode-se dizer, então, que profissionais preocupados em explicar as emoções apenas através da observação de músculos lisos, não são capazes de diferenciar emoções parecidas. Enquanto isso, pessoas leigas conseguem classificar com coerência as emoções que conhecem. Isso ocorre por serem estes capazes de identificar as próprias emoções e até mesmo a dos outros, sem ter acesso às alterações musculares sob a pele,

apenas observando como a pessoa e eles mesmos se comportam em determinadas situações quando sentem alguma emoção.

Desta forma, músculos e expressões faciais são comumente usados para denominar as emoções, entrando assim no segundo aspecto que envolve a alteração comportamental envolvida em um estado emocional: a alteração de postura. Mostrar dentes, sorrir, secretar lágrimas são exemplos de manifestações musculares alinhadas a certos tipos de emoções. Tanto outros organismos, como o ser humano, costumam ter esses tipos de reações quando expostos a alguma situação eliciadora, de modo que muitas dessas respostas podem ser tidas como respondentes, ou seja, são características típicas da espécie. Por isso, no caso do ser humano, expressões emocionais são adquiridas ao longo da história de vida de cada cultura e também de cada indivíduo, fazendo, assim, com que tenham propriedades operantes além de respondentes. Entre a espécie humana, bebês têm a possibilidade ontogenética de sorrir diante de determinados estímulos, mas a cultura ensina em quais situações deve-se sorrir. Skinner usa como exemplo o caso do teatro e reforça que as expressões emocionais são frequentemente modificadas pelo ambiente social para se conformarem com especificações culturais.

Portanto, “não tem sido possível especificar conjuntos dados de respostas expressivas como característicos de emoções particulares, e em nenhum caso se diz que essas respostas sejam a emoção.” (p. 177). Assim, apenas essas reações fisiológicas não bastam na determinação de emoções. É preciso conhecer quais situações esses tipos de comportamentos aparecem e em quais outras eles não aparecem.

Tratando-se de descrever o que o outro sente, fala-se de predisposições, ou seja, uma pessoa irritada tem mais probabilidade de gritar, insultar e agredir do que ser gentil e solícito. Logo, dar nome às emoções é um meio classificatório de enquadrar comportamentos em relação às circunstâncias que afetam a sua probabilidade. Por isso, emoções não devem ter como definição características fisiológicas apenas, ou psíquicas. Neste ponto, caracteriza-se o terceiro elemento que envolve a relação emocional: alteração na probabilidade de comportar-se de determinada maneira.

Enquanto discorre acerca das emoções, Skinner (1953/2007) propõe usar os termos designados para nomear emoções como adjetivos e não substantivos, pois aquele sugere a descrição de uma classe de respostas aparentes, algo que não ocorre com o substantivo, uma vez que este termo sugere que existe algo dentro do sujeito que faz com ele aja de determinada maneira. Com isso, o uso do substantivo acaba por dar uma

falsa explicação. Por exemplo, dizer que um bebê está com raiva, dá a impressão de que a raiva é a causa de seus comportamentos, como se existisse uma entidade “raiva” promovendo determinadas ações na criança. Já quando se usa o adjetivo “raivoso”, o entendimento se dá como se suas ações não fossem causadas por algo independente do bebê, mas que algo ocorreu e ele ficou raivoso e chutou, gritou, chorou, ou seja, apresentou determinada classe de respostas em uma situação característica.

Esquemáticamente, a emoção pode ser desenhada de acordo com a figura 1:

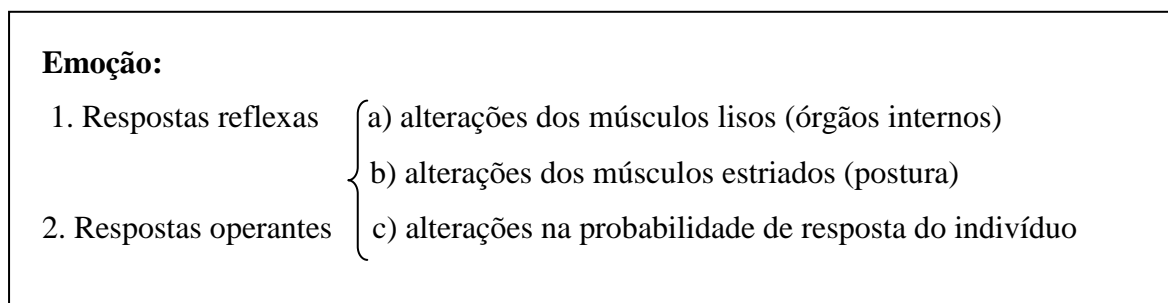


Fig. 1: quadro representativo de alterações reflexas e operantes que envolvem uma relação emocional

A fim de exemplificar uma emoção total, uma vez que esta pode alterar todo o repertório de um indivíduo, cita-se o caso de uma pessoa ansiosa para entregar um trabalho. Conforme a data de entrega vai se aproximando, a probabilidade de ela emitir os seguintes comportamentos pode aumentar: a) apresentar sudorese, excesso ou falta de apetite, dificuldade de digerir os alimentos e insônia; b) movimentos agitados, expressões assustadas no rosto e sobressaltar-se com mais facilidade; c) em uma conversa com amigos, pode ficar dispersa, ou falar só sobre o seu trabalho e a data de entrega, só consegue pensar e ver temas relacionados ao seu trabalho onde quer que vá etc. Assim sendo, a emoção total é caracterizada pelo efeito completo que a proximidade da entrega do trabalho exerce sobre o comportamento do indivíduo.

No primeiro capítulo de *Questões Recentes da Análise do Comportamento* (1987/1991), Skinner afirma que sentimentos são tipos de ações sensoriais assim como as orientadas pelos os cinco sentidos – ver, ouvir, tatear, cheirar e sentir gostos (paladar) - porém há diferença entre esse “sentir” e o sentir-se alegre ou deprimido, uma vez que é possível distinguir os órgãos pelos quais vemos, ouvimos e cheiramos, por exemplo, mas não sabe-se muito através de quais órgãos a depressão ou a timidez se pronunciam.

Em um próximo momento, o autor explica que um indivíduo responde de uma maneira ao relaxamento dos músculos lisos e de outra maneira quando diz estar

relaxado, assim como responde de um jeito ao estômago vazio e de outro ao dizer que está com fome. Isso ocorre, pois as respostas verbais são produtos de contingências especiais de reforçamento, uma vez que são arranjadas por ouvintes que não têm contato direto com elas, já que ocorrem dentro da pele do outro. Assim, é possível ensinar uma criança a nomear um objeto apontando-o e reforçando respostas verbais similares à esperada, mas não é possível mostrar a dor para a criança e reforçar respostas verbais similares. Este ponto será discutido mais profundamente no capítulo 4. Por fim, palavras que designam sentimentos não são ensinadas com tanto sucesso quanto palavras referentes a objetos, pois eventos públicos raramente coincidem. (SKINNER, 1987/1991, p. 15).

Logo, pode-se dizer que sentimentos são a forma descritiva adotada pelo indivíduo sobre as reações denominadas emoções. Ou seja, sentimento é o nome dado, é a resposta verbal do indivíduo à determinado conjunto de respostas que envolvem uma emoção, por exemplo, a palavra raiva é um sentimento usado para descrever as respostas do indivíduo raivoso: bater, gritar, corar e xingar fazem parte da classe de respostas envolvidas na raiva e o dizer “sinto raiva” o indivíduo descreve verbalmente o seu comportamento, compreendendo essa resposta como sentimento. Pode-se dizer que o sentimento é um tato que descreve operações emocionais, ou seja, toda a relação descrita em a, b e c no primeiro parágrafo deste subcapítulo. Sentimentos são as respostas verbais ao fenômeno da emoção. Contudo, Skinner (1987), defende que analistas do comportamento não devem utilizar o termo sentimento, pois dá a entender que existe uma entidade à parte do indivíduo. Deve-se falar do que é sentido, do “sentir”.

4. A importância do verbal

Ao estudar as propriedades do mundo das coisas ou dos acontecimentos aos quais respondemos verbalmente, devemos nos elevar por nosso próprio esforço; muitas propriedades da natureza podem ser identificadas e tratadas exclusivamente por meio de práticas verbais. (SKINNER, 1957/1978, p. 146)

Como já foi dito anteriormente, é extremamente importante saber como uma pessoa se sente, para ter ideia de como se relacionar com ela. Por mais que uma emoção tenha alguns aspectos públicos, como frisar a testa, sorrir, chorar e etc., isso é muito pouco para identificar o que a pessoa está de fato sentindo. Mas se existe aspectos privados essenciais para determinar o que alguém está sentindo, como é possível ter acesso a isso? A saída encontrada pela comunidade é o relato verbal.

A partir do momento em que o homem nasce, e ao longo da vida, ele é ensinado a descrever o mundo que rodeia. Aprender a descrever eventos públicos e acessíveis a todos é fácil. Quando se quer que uma criança aprenda a falar água, o som verbal emitido por ela será modelado e reforçado na presença da água, ou então a mãe irá dizer água na presença deste estímulo até que o bebê a imite. Contudo, em se tratando de eventos privados, esse quadro se torna mais complexo. Skinner (1957/1978) sugere que existe quatro maneiras de produzir comportamento verbal sob controle de eventos privados, que serão melhor descritos adiante.

4.1 O comportamento verbal e o tato

Os homens agem sobre o mundo, modificam-no e são, por sua vez, modificados pelas consequências de sua ação. (SKINNER, 1957/1978, p. 15)

Tratando-se de comportamento verbal, Skinner (1957/1978) ressalta que a Lógica, a Matemática e a metodologia científica satisfazem-se com análises formais, mas reconhecem as limitações que as práticas linguísticas impõem ao pensamento. Mesmo assim, não desenvolveram técnicas para uma análise causal do comportamento desse ser pensante que é o homem. Por mais que a crítica literária moderna tenha utilizado o vocabulário técnico da psicanálise, este não ultrapassa os limites de termos

empregados por um leigo inteligente. Então, não realizaram nenhuma promessa de uma real ciência do comportamento verbal.

Os primeiros sinais de uma ciência do verbal foram sugeridos por Ogden e Richards em *O significado do Significado* (1923), no qual foi realizado um estudo técnico do significado a partir de uma ciência mais ampla do simbolismo. Foi designado que a análise geral do processo linguístico deveria ser aplicável a qualquer campo e sem domínio de interesses especiais. Todavia, não foi possível seguir definitivamente com tal determinação, não chegando a uma ciência do comportamento verbal satisfatória. Assim, a responsabilidade final pela análise e estudo completos do comportamento verbal caberá às ciências do comportamento, em especial, à psicologia.

Logo no início de *O Comportamento Verbal*, Skinner (1957/1978) afirma que o comportamento verbal é um comportamento operante, ou seja, não há nenhum novo tipo de conceito básico (no âmbito do comportamento operante) e modelo de estudo aplicado a ele, sendo que processos que ocorrem em relações operantes, como reforçamento, extinção, discriminação e generalização podem ocorrer quando o comportamento operante for verbal. (SERIO *et al.*, 2008, p. 128).

Porém, é importante ressaltar que, apesar de o comportamento verbal poder ser estudado a partir dos conceitos básicos de qualquer outro comportamento operante, o verbal apresenta certas peculiaridades devido a relação não mecânica que mantém com o ambiente. Então, Skinner (1957/1978) afirma:

O comportamento altera o meio através de ações mecânicas e suas propriedades ou dimensões se relacionam frequentemente, de uma forma simples com os efeitos produzidos. (...) Muitas vezes, porém, um homem age apenas indiretamente sobre o meio do qual do qual emergem consequências últimas de seu comportamento. Seu primeiro efeito é sobre outros homens. Um homem sedento, por exemplo, em vez de dirigir-se a uma fonte, pode simplesmente “pedir um copo de água”, isto é, pode produzir um comportamento constituído por certo padrão sonoro, o qual por sua vez induz alguém a lhe dar um copo de água. (p. 15)

A partir desse trecho, é possível dizer que existe uma distinção entre duas relações operantes: por um lado, há comportamentos operantes que exercem uma relação mecânica e direta com o ambiente, sendo estes comuns à espécie humana ou à qualquer outra espécie animal. Por outro, há comportamentos operantes que envolvem

processos típicos da espécie humana, que estabelecem com o meio relação indireta e não mecânica, atingindo outro homem, em um primeiro momento antes de chegar ao objetivo traçado. A este último comportamento Skinner denomina de comportamento verbal. Conclui-se, então, que o comportamento verbal é um tipo especial de comportamento operante, havendo identificação e descrição dos processos que lhe são próprios.

A este conjunto de fenômenos que pretendia abranger, Skinner deu um novo nome, com a finalidade de distinguir sua proposta de qualquer outra que já estivesse em vigor. O autor pretendia evitar o uso do termo “fala”, pois está ligada diretamente à linguagem vocal e tais comportamentos estudados não se pronunciam apenas por este meio. O termo “linguagem” também não se aplicaria, já que está comprometido com as práticas da comunidade linguística e não aos comportamentos individuais de seus membros. Nas palavras de Skinner (1957/1978) o termo comportamento verbal “destaca o falante individual e (...) especifica o comportamento que é modelado e mantido por consequências mediadas” (p. 16).

Conforme Serio *et al.* (2008), a escolha pelo termo enfatiza a proposta Skinneriana, uma vez que faz pretensão de compreender o comportamento operante que é criado e mantido por consequências mediadas; para tal, é necessário ter em vista o repertório particular do indivíduo, e as descrições e explicações deverão estar descomprometidas com as tradicionalmente propostas para tal tipo de comportamento. Essas explicações tradicionais referem-se a determinar o comportamento a partir de causas internas, como ideias, imagens, significados etc.

Com isso, dividir o comportamento verbal em três instâncias separadas (palavra, supostos eventos causais – ideias e imagens – e o ato da fala), pode ser especialmente problemático, pois acabam sendo ignoradas as relações que constroem o comportamento operante no repertório do indivíduo. Nesse tipo tradicional de explicação, as características do evento causador e do comportamento verbal em si irão sempre coincidir, pois explica-se as causas internamente. Então, quando se atribui as causas aos eventos internos, como ideias e informações, dá-se a estes eventos uma conotação de entidades de existência independente. Por fim, acaba considerando-se a palavra como tendo existência separada do comportamento do falante.

A definição de comportamento verbal deve ser, então, completada, pois, como foi dito anteriormente, comportamento verbal é o comportamento operante reforçado através da mediação do outro. Contudo, nem todo comportamento mediado é

considerado como comportamento verbal. Devem ser excluídas da definição deste comportamento situações em que a mediação de outras pessoas equivale à de um objeto físico; quando a participação do outro produz estímulo eliciador incondicionado; e quando o comportamento do outro é resultado de relações acidentais. Excluindo-se esses casos de mediação, pode-se afirmar que esta é característica do comportamento verbal quando é produzida para afetar o comportamento de outro indivíduo.

Então, é introduzida uma segunda característica do comportamento verbal: a preparação sistemática do mediador, ou seja, as pessoas que exercerem papel de mediadoras do comportamento verbal de outros devem ser especialmente preparadas para tal. Segundo Skinner (1957/1978):

O condicionamento especial do ouvinte é o X do problema. Comportamento verbal é modelado e sustentado por um ambiente verbal – por pessoas que respondem ao comportamento de determinadas maneiras por causa das práticas do grupo que são membros. (p. 226)

Para chegar a conclusão acerca dessa segunda característica do comportamento verbal, Skinner, ao longo de seus estudos sobre o verbal, se questiona quando uma resposta operante se torna verbal, considerando-se três pontos para responder à questão. Em primeiro lugar, a resposta operante deve ser fortalecida através da reação de outrém; ou quando tal resposta puder ser reproduzida em outros momentos com outras consequências; ou quando determinada resposta tiver sido mantida e produzida por meio de um ambiente verbal, que tenha sido transmitido de uma geração a outra, fazendo parte de uma linguagem. Para Skinner, é esta terceira alternativa que é determinante do comportamento verbal. Chega-se aqui a mais uma complementação da definição de comportamento verbal, já que, além de ser um operante mediado por outros especialmente preparados para tal, essas outras pessoas devem se comportar de maneiras modeladas e mantidas por um ambiente verbal que tenha evoluído, ou seja, pela linguagem. “O comportamento do falante e do ouvinte juntos compõem aquilo que podemos chamar de episódio verbal total”. (SKINNER, 1957/1978, p.17).

Seguindo tal raciocínio, Skinner propõe que “qualquer movimento capaz de afetar outro organismo pode ser verbal” (p. 14). Normalmente destaca-se o vocal, já que este, além de ser o mais comum, tem pouco efeito sobre o ambiente físico. Entretanto, é considerado comportamento verbal outras respostas como gestos e escrita, por exemplo,

dependendo de sua relação com o ambiente. Devido ao uso frequente do termo “vocal”, refere-se à falante quem emite a resposta verbal e à ouvinte quem consequência o responder do falante, mesmo não se tratando de uma forma vocal de resposta. Uma resposta verbal também não é caracterizada pela dimensão, mas pela relação resposta-consequência. (SERIO *et al*, 2008, p. 140).

A fim de significar o comportamento verbal, retoma-se a noção de comportamento operante, no qual o significado deve ser buscado nas variáveis de controle da resposta, ou seja, os significados devem ser encontrados entre as variáveis independentes em uma descrição funcional. Logo, utiliza-se a tríplice contingência como unidade de análise no estudo do comportamento verbal, envolvendo as relações entre a situação que antecede o comportamento, o próprio comportamento e as consequências produzidas por ele. Tratando-se de comportamento verbal, diferentes formas e dimensões podem constituir a resposta, mas o fato de o primeiro efeito dessa resposta ser sobre o ouvinte é uma característica que se mantém constante. Outro ponto que também permanece imutável é a presença de uma audiência.

Comportamento verbal usualmente ocorre apenas na presença de um ouvinte. Quando o falante está falando para si mesmo, naturalmente, um ouvinte está quase sempre presente. (...) O ouvinte como parte essencial da situação na qual o comportamento verbal é observado, é (...) um estímulo discriminativo. Ele é parte da ocasião na qual o comportamento verbal é reforçado e, portanto, ele se torna parte da ocasião que controla a força do comportamento. (...) Quando o ouvinte estimula o falante antes da emissão do comportamento verbal, podemos falar dele como a audiência. Uma audiência, então, é um estímulo discriminativo na presença da qual o comportamento verbal é caracteristicamente reforçado e na presença do qual, portanto, ele é caracteristicamente forte. (SKINNER *apud* ANDERY, GIOIA e MICHELETTO, 2008, p. 142).

Skinner destacou algumas diferenças entre as contingências que descrevem o comportamento verbal, chamando-as de operantes verbais, que são divididos em seis operantes verbais primários: mando, tato, ecóico, textual, transcrição e intraverbal. Neste trabalho será discutido com mais profundidade o operante verbal tato, devido a sua relação direta na descrição de eventos internos e a relevância da sociedade na apreensão de tal comportamento. Entretanto, é incorreto afirmar que qualquer comportamento verbal é emitido em sua forma pura, ou seja, diversas situações podem

estar controlando o comportamento verbal, dando-lhe a característica de multideterminação. Então, deve-se considerar que a força de um comportamento pode estar sob controle de mais de uma variável e uma única variável pode alterar mais de uma resposta.

A partir das definições apresentadas acerca do comportamento verbal, é possível entender o operante verbal tato, que é uma resposta verbal emitida sob controle de um estímulo antecedente específico, este podendo ser um objeto ou um evento. Tal resposta produz no ambiente uma consequência reforçadora condicionada generalizada⁴ ou outros tipos de reforçadores. De acordo com Skinner (1957/1978) “o tato surge como o mais importante operante verbal, por causa do controle incomparável exercido pelo estímulo anterior”.

Pode-se dizer que, caracteristicamente, são os eventos antecedentes que controlam a resposta verbal de tato, pois é em determinada situação sob a apresentação de estímulos específicos que alguém emite tal resposta, por exemplo, uma criança bate a cabeça e diz “está doendo minha cabeça”, tal fala é tida como comportamento de tato, uma vez que *descreve*⁵ um evento do ambiente dessa criança. Diante do estímulo antecedente de dor, a criança emite um tato que, provavelmente, irá alterar alguma parte de seu ambiente. Assim, ocorre o enfraquecimento da relação de controle de estados de privação ou de estímulos aversivos sobre a resposta emitida. Desta forma, ressalta-se a importância deste operante verbal:

(...) um repertório de tatos, em geral, opera em benefício do ouvinte, uma vez que permitiria ao ouvinte “acesso” a informações sobre o mundo (os eventos que controlam o comportamento do falante) ou mesmo a informações sobre o próprio falante. (SÉRIO *et al*, 2008).

Quando o comportamento emitido é reforçado, a situação em que a resposta ocorreu, passa a ser *discriminada* pelo indivíduo, ou seja, naquela situação sua resposta é reforçada, em outras situações a mesma resposta não é. Então, tal situação passa a ser a ocasião em que a resposta terá mais probabilidade de ser emitida. Tal relação de

⁴ Este tipo de reforço refere-se a um estímulo reforçador operante que é apresentado com um estímulo eliciador de uma resposta respondente, de modo que ocorre emparelhamento entre esses dois estímulos. Esse tópico é melhor discutido no capítulo V de Ciência e Comportamento Humano (Skinner, 1953).

⁵ Skinner afirma que palavras como *descrever*, *declarar*, *mencionar*, *anunciar etc.* não devem ser usadas em caráter científico na análise de um tato. Pode-se dizer que ele é *afirmado*, por mais que não seja considerado como uma afirmação. Skinner discutirá sobre esta temática ao longo do capítulo 5 e da IV parte de O Comportamento Verbal (1957).

controle do tato é estabelecida pela comunidade que reforça, como será abordado no próximo subtítulo.

4.2 A comunidade verbal

Eu te olharei com o canto do olho e tu não dirás nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. (SAINT-EXUPÉRY, 1999, p. 69)

O mais importante a se saber sobre o papel da comunidade verbal no ensino de descrição de sentimentos é que os limites do que um indivíduo vai conhecer de si mesmo são os limites do seu grupo social.

De forma sucinta, Skinner (1974/ 1993, p. 24) coloca o responder ao sentir sob a ótica de três sistemas nervosos: interoceptivo, proprioceptivo e exteroceptivo. Contudo, ressalta que, com o evoluir biológico e com a introdução do comportamento verbal, o “sentir” ganhou nova função, podendo servir de base para prever e controlar comportamentos. Assim, descrever comportamentos internos é algo passado através da comunidade, não de forma fácil e acertiva, pois a privacidade do indivíduo produz uma barreira entre ele e o outro. Contudo, a comunidade encontra um caminho para solucionar tal problema ao usar condições públicas correlatas às condições internas sentidas pelo indivíduo. Por exemplo, uma mãe ensina a criança a dizer “dói” quando esta tem um hematoma na perna. Em outra situação, em que não haja hematoma algum, mas a dor esteja presente, a criança pode dizer “dói”, pois aprendeu a descrever o estado interno a partir do grau de concordância entre acontecimentos públicos e privados.

É de suma importância ressaltar que, com o advento do comportamento verbal, são abertas novas possibilidades aos homens, sendo uma delas a possibilidade de não apenas se relacionar com o seu ambiente e modificá-lo, mas também descrever o que estão fazendo e, conseqüentemente, analisar as contingências que controlam seu comportamento. Ora, se existe a possibilidade de análise, a relação de controle de estímulos também aumenta. Desta forma, o homem, a partir do comportamento verbal, pode ter mais domínio e autonomia sobre suas ações e seu ambiente.

Outro modo de a comunidade contornar a privacidade individual é utilizar as respostas colaterais dos estímulos que a pessoa deve aprender a identificar ou descrever. Ou seja, ao chorar uma criança pode estar sentindo dor, ou ao comer vorazmente, pode

ser que ela estivesse com fome. Quando o interlocutor assiste a esse comportamento e o descreve dizendo “você está com fome”, a criança associará seu estado interno ao que lhe foi descrito, aprendendo assim a descrever o que sente.

A maioria das palavras designadas a descreverem as emoções são originadas de metáforas. Skinner usa como exemplo a palavra *tenso*, uma vez que quando alguém sente-se assim, não significa que realmente esteja distendido em seu sentido literal. Trata-se de uma metáfora. Por isso que, por mais que a comunidade verbal consiga contornar a privacidade e ensinar indivíduos a descrever seus estados internos, tais descrições nunca são precisas o suficiente.

De forma sucinta, as quatro maneiras que a comunidade utiliza para ensinar a descrição de eventos privados são: a) modelar um relato com base em uma resposta reflexa pública produzida por um estímulo privado, por exemplo, ensinar a uma criança o que é a dor de ter batido o joelho em uma quina. Aos poucos, a criança relacionará que dizer “meu joelho dói” faz com que a mãe lhe dê atenção e algum remédio para diminuir a dor. Então, dizer que sente dor diante da própria dor é reforçado negativamente com a retirada dessa dor através de um remédio apresentado; b) modelar o repertório com base em um evento público antecedente, ou seja, se uma criança bate a cabeça e forma-se um hematoma, a mãe ao observar o machucado, questiona a criança se está doendo. Assim, a presença de um machucado juntamente com a dor por ele causada se tornam estímulos discriminativos para falar “está doendo” e, conseqüentemente, receber os cuidados que irão cessar o mal estar.

Essas duas primeiras maneiras de ensinar a relatar sentimentos podem ser falhas em alguns aspectos, pois não é certo que há correspondência entre o que a mãe chama de dor e o que a criança, de fato, sente. E, além disso, o modo como a própria mãe aprendeu a denominar suas dores irá influenciar em seus ensinamentos de dor para seu filho.

As outras duas maneiras de ensinar relatos verbais acerca de sentimentos são: c) recorrer ao uso de metáforas, como já foi dito anteriormente neste capítulo; d) essa possibilidade é pouco usada em nossa cultura, pois se trata de relatar o que é sentido sem recorrer ao nome dos sentimentos necessariamente. O jeito é descrever as situações que antecederam o sentir e as possíveis ações seguintes. A proposta, neste caso, é evitar dar aos sentimentos o lugar de causalidade, ensinando os indivíduos a relatar seus comportamentos e as possíveis variáveis de que são função e, conseqüentemente, torna-se mais viável a modificação dessas situações, alterando também os sentimentos.

Por mais vantajoso que seja aprender a descrever eventos privados, isso nem sempre é suficiente para mostrar ao outro o que realmente se está sentindo, pois o que se conhece de si próprio é baseado em inferências do grupo social em que o indivíduo vive. A pessoa que ensina a descrever seus sentimentos não tem acesso a essa parte do ambiente do outro e é influenciada por sua própria história de treino específica de relatar sentimentos. Sendo assim, volta-se à questão de que as diferenças entre determinados sentimentos são muito sutis e estes podem se confundir no repertório de um indivíduo. Ressalta-se também que, o que é angústia para um, pode ser tristeza para outro. Por estes motivos, o analista do comportamento não dará tanta importância para o nome que é dado a determinada emoção, sobretudo irá atentar-se na identificação de variáveis ambientais relacionadas com estes sentimentos. É com a compreensão da função dos comportamentos que o profissional poderá promover alguma mudança no ambiente e, conseqüentemente, modificar os sentimentos de alguém.

Por fim, era de se esperar que uma pessoa tenha contato íntimo suficiente com seu corpo para ser capaz de descrever muito bem o que acontece com ele. Entretanto, ao mesmo tempo que existe uma individualidade particular e especial ao indivíduo, isso configura uma grande dificuldade para a sociedade, que deve ensiná-lo a descrever e conhecer a si próprio.

5. A Análise de Contingências (Análise Funcional)

O que é o amor, senão outro nome para reforçamento positivo?
(SKINNER, 1948, p. 282)

Comportamentalistas operantes preocupados em não utilizar termos como intenções, motivações, objetivos e propósitos, optam por falar de variáveis das quais os comportamentos de um indivíduo são funções. O método utilizado para identificar tais variáveis é a análise funcional. (CARR, LANGDON e YARBROUGH, *apud* COSTA e MARINHO, 2002, p. 44).

Com isso, define-se análise funcional como “a identificação de relações relevantes, controláveis, causais e funcionais aplicáveis a um conjunto específico de comportamentos-alvo para um cliente individual”. (HAYNES e O’BRIEN, *apud* COSTA e MARINHO, 2002, p. 44). Tal análise não se aplica necessariamente a um único indivíduo, mas pode ser usada em casos mais gerais, como a depressão, processos psicológicos e sistemas complexos. A Análise Funcional utilizada em casos mais gerais é denominada como nomotética e a aplicada em casos individuais, idiográfica.

O nome do capítulo sugere dois conceitos: Análise Funcional e Análise de Contingências, pois o termo mais utilizado entre os comportamentalistas atualmente é o primeiro, mas o principal instrumento conceitual utilizado nesta análise é o proposto por Skinner ao longo de suas obras, ou seja, o conceito de contingência. Por este motivo, o uso do termo Análise de Contingências refere-se a este conceito como sendo o foco do trabalho, contudo tanto a Análise Funcional como a Análise de Contingências têm o mesmo objetivo e chegam ao mesmo resultado.

O modelo proposto por Skinner em todo o seu trabalho é uma formulação entre as interações de um organismo com o seu meio ambiente, precisando apresentar três aspectos fundamentais: a) a situação antecedente em que a resposta ocorreu; b) a própria resposta; c) as consequências que seguem o comportamento. Esses três elos constituem as *contingências de reforço*.

É apenas quando analisamos o comportamento sob contingências conhecidas de reforço que podemos começar a ver o que ocorre na vida cotidiana. Fatos que inicialmente desprezamos começam a comandar a nossa atenção, e coisas que inicialmente nos chamavam a atenção aprendemos a descontá-las ou ignorá-las. (...) Em outros termos, não mais encaramos o comportamento e o

ambiente como coisas ou eventos separados, mas nos preocupamos com a sua inter-relação. Procuramos as contingências de reforço. Podemos então interpretar o comportamento com mais sucesso. (SKINNER, apud COSTA e MARINHO, 2002).

Desta forma, quando se interpreta um comportamento, está compreendendo a sua função, que não segue um padrão específico geral. Para cada indivíduo, em cada situação e em tempos distintos, a função de um comportamento pode variar. As variáveis funcionais podem ser causais, correlacionais, controláveis, modificáveis, ou não. O papel principal do analista do comportamento é identificar tais variáveis e suas relações com o comportamento estudado. A seguir, serão apresentadas algumas características da Análise Funcional, citadas por Haynes e O'Brien *apud* Costa e Marinho (2002):

- a) São mais probabilísticas que deterministas;
- b) São transitórias e podem variar com o tempo;
- c) A relação entre duas variáveis não impede que tenham outras relações, sendo não excludentes;
- d) Encontram-se em nível macro (etnia, ou classe social) e micro (criticismo social);
- e) As variáveis causais de uma relação causal deve sempre preceder o evento causado, apesar de não ser suficiente para determinar a causalidade;
- f) Eventos privados podem entrar na análise funcional;
- g) Podem ter limites. Muitas relações funcionais são difíceis de comprovar.

As autoras reforçam ainda que, sabendo-se das dificuldades encontradas na Análise Funcional, devido algumas restrições que podem causar enganos durante o estudo, alguns autores e até mesmo o Skinner, defendem que a esta deve se restringir à manipulação experimental, já que abordagens não experimentais podem gerar hipóteses que só podem constituir uma Análise Funcional quando forem testadas.

Em relação aos comportamentos tidos como encobertos, a proposta do Behaviorismo Radical não é discutir a utilidade dos relatos sobre o mundo interior de cada um, ou o sentido observado. Sendo assim, a análise do mundo introspectivo dá algumas pistas do comportamento passado e como este foi afetado, do comportamento atual e as condições de um comportamento futuro. Mesmo assim, o mundo privado das pessoas não é claramente observado e conhecido, uma vez que seu conhecimento é

ensinado pela comunidade que precisa lidar com sistemas nervosos e não possui todos os recursos necessários para solucionar o problema da privacidade.

Talvez uma das maiores questões que envolvem a temática de sentimentos seja *como* modificá-los. Quando se assume uma postura de que emoções ou ideias são causas de comportamentos, encontra-se uma dificuldade prática, por exemplo, se dizemos que alguém deu um soco na parede parece porque está com raiva, para evitar que essa pessoa soque novamente a parede seria necessário mexer na causa desse comportamento. Ora, se a causa é a raiva, teríamos que retirar a raiva do indivíduo e a questão é: como fazê-lo? Como afirma Rico, Golfeto e Hamasaki (2012) o analista do comportamento assume a posição de que não é possível alterar um sentimento diretamente, uma vez que estes são produtos de contingências. Sendo assim, algo deve ter acontecido anteriormente à raiva e ao ato de socar a parede. Tal situação é a real causa da raiva e dos comportamentos dessa pessoa e é sobre essa situação que se deve agir para evitar uma nova crise de raiva e de comportamentos violentos.

Algumas emoções podem alterar totalmente o repertório do indivíduo. Estar triste ou alegre é um exemplo de contaminação total dos comportamentos de uma pessoa. Todo seu repertório pode ser afetado. Contudo, sentimentos como raiva e medo, apesar de também modificarem todo um repertório, os objetos alvo dessa emoção são diretamente afetados. Já outras emoções mais moderadas, podem alertar apenas uma subdivisão do repertório do indivíduo. (SKINNER, 1953/2007, p.179)

Alguns comportamentos relacionados a determinadas emoções podem ter vantagem biológica, se o organismo estiver em um ambiente hostil ou em competição com elos de um ambiente. Por conseguinte, classes de respostas que definem uma emoção dependem, em parte, de condicionamento, reforçando o fato de que comportamentos ligados à emoção têm componentes incondicionados e condicionados, também. Assim, alterando-se o ambiente, o organismo também será alterado e conseqüentemente os seus sentimentos também.

Seguindo seu raciocínio, Skinner (1974/1993) afirma que “o autoconhecimento é de origem social. Só quando o mundo privado de uma pessoa se torna importante para as demais é que se torna importante para ela própria” (p. 31). Assim, quando alguém toma conhecimento, ou se torna consciente de si mesmo, através de questões colocadas pela comunidade que o cerca, tem condições de prever e controlar melhor seus próprios comportamentos. O quadro abaixo representa esquematicamente como um indivíduo é

capaz de tornar-se consciente de suas ações. O segundo elo do esquema, indicado pelo número dois, representa o que chamamos de consciência.

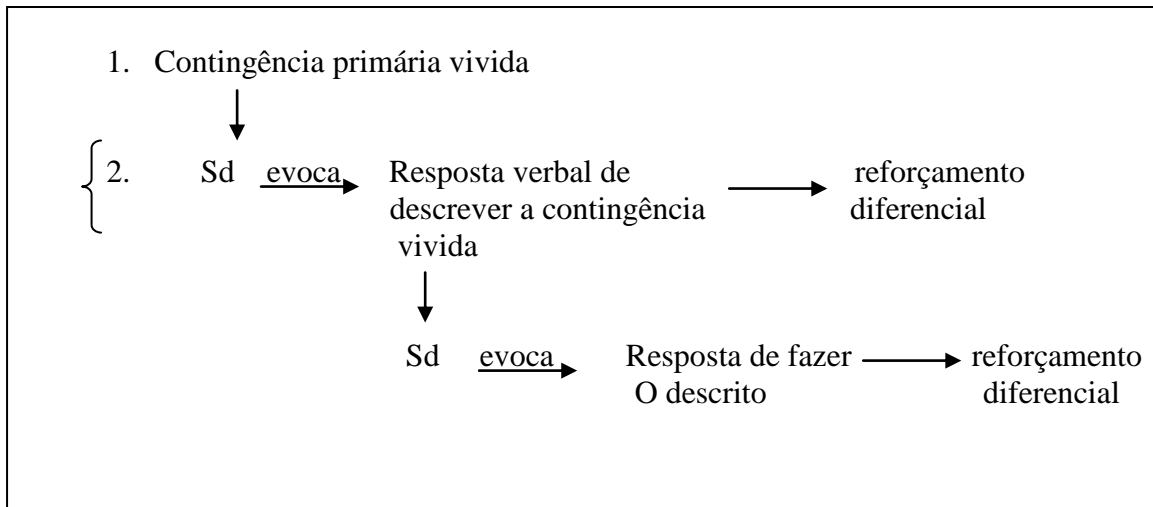


Fig. 2: Quadro representativo da descrição de contingências e tomada de consciência

Dessa forma, a proposta da Análise de Contingências é entender quais as relações que mantém e causam determinados comportamentos. Se algum comportamento de um indivíduo for analisado e ele mesmo for capaz de entender as causas e as variáveis que fazem com que ele aja daquele jeito, ele poderá ser capaz de prever e controlar com mais eficácia seus próprios comportamentos. É exatamente isso que significa “tornar consciente” para a Análise do Comportamento: saber identificar e descrever as variáveis que controlam os comportamentos. Ora, se uma pessoa é capaz de dizer o que vai fazer e os reais motivos que a levam a agir, é extremamente mais fácil controlar o ambiente que a cerca do que se ela se comportasse sem rumo certo, ou sem identificar as variáveis que determinam seu modo de agir.

A seguir, serão analisados brevemente dois sentimentos: o amor, tipicamente mantido por reforçamento positivo e a frustração, mantido por punição e reforçamento negativo.

5.1 Amor

De forma sucinta, é possível analisar genericamente o amor. Com certeza há um elemento reforçador neste sentimento, pois quando alguém diz “eu te amo”, está na

verdade se referindo as sensações de prazer e bem estar que a outra pessoa lhe proporciona. E quando se fala nos efeitos internos de um reforçador, fala-se justamente destas sensações agradáveis causadas neste tipo de esquema. Então, a probabilidade de quem ama emitir comportamentos que promovam a aproximação do objeto amado, ou que evitem a separação, irá aumentar de frequência.

Skinner (1989/1991) propõe a divisão do amor em três instâncias, a partir de palavras originalmente gregas para a denominação dos tipos de amor. A primeira descrição é *Eros*, um tipo de amor sexual, derivado da seleção natural e compartilhado com outras espécies. Contudo, apesar de ser proveniente da seleção natural, a condição genética sobreviver e o reforçamento por contato sexual ser um traço evolutivo, há características do condicionamento operante, no que se reporta a sociedade em que vivemos, já que homens não se envolvem sexualmente uns com os outros apenas para garantir o futuro da espécie, ou por pura determinação genética. Vale ressaltar, que algumas formas de amor parental também derivam da seleção natural e podem ser considerados como exemplo de *Eros*, por mais que um amor entre mãe e filho não tenham conotação sexual. Esta relação pode ser exemplificada no romance de Milan Kundera (1984/2006), que conta a conturbada história de amor:

Conhecera Tereza três semanas antes numa cidadezinha da Boêmia. Não tinham passado nem sequer uma hora juntos. Ela o acompanhara à estação e esperara até o momento de ele subir no trem. Cerca de dez dias depois, veio vê-lo em Praga. Nesse dia mesmo fizeram amor. (...) Ele sentiu um amor inexplicável por aquela moça que para ele era quase uma desconhecida. (p. 3).

Existe também outro tipo de amor com conseqüências reforçadoras diferentes de *Eros*, sendo um estado de sentido diferente: a *Philia*, que representa um tipo de condicionamento operante no que diz respeito ao amor direcionado a amigos, personagens, arte, lugares, tipos de pessoas e afins, sem que haja qualquer inclinação erótica. O amor direcionado a amigos, como descrito no trecho abaixo é um ótimo exemplo de *Philia*:

- Que quer dizer cativar? Perguntou o príncipezinho.
(...) – É uma coisa muito esquecida, disse a raposa.
Significa “criar laço...”
- Criar laços?

- Exatamente, disse a raposa. Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo... (SAINT-EXUPÉRY, 1999, p. 66)

Por fim, *Agape* refere-se ao amor em que não é o comportamento da pessoa que é reforçado, mas sim o do outro e principalmente em níveis de grupo. Este amor encontra-se em um terceiro nível de seleção: a evolução cultural. *Agape* aparece em honras a heróis, líderes, cientistas e pessoas em geral cujo feito beneficiou toda a sociedade. É um tipo de veneração e é usado muito comumente em literaturas religiosas, já que se trata de fazer o bem a outro, ou seja, o comportamento é reforçado ao ver que o outro está sendo reforçado. Assim, as consequências reforçadoras neste tipo de amor são, na verdade, artificiais.

Concluindo, a frase que inicia este capítulo é a simples definição de amor. Dizer que amamos alguém ou alguma coisa significa que esta entidade nos proporciona uma variedade de reforçadores intensos.

5.1 Frustração

A frustração é um sentimento muito próximo à raiva, porém pode ocorrer sem ser antecedido por uma situação aversiva, necessariamente. Caracteriza-se pela retirada de reforçadores do ambiente, então um comportamento que era habitualmente reforçado deixa de ser.

Mas aconteceu que o príncipezinho, tendo andado muito tempo pelas areias, pelas rochas e pela neve, descobriu, enfim, uma estrada. E as estradas vão todas em direção aos homens.

- Bom dia, disse ele.

Era um jardim cheio de rosas.

(...) E ele sentiu-se extremamente infeliz. Sua flor lhe havia contado que ela era única de sua espécie em todo o universo. E eis que havia cinco mil, iguaizinhas, num só jardim!

(...) Depois refletiu ainda: “Eu me julgava rico de uma flor sem igual, e é apenas uma rosa comum que eu possuo. Uma rosa e três vulcões que me dão pelo joelho, um dos quais extinto para sempre. Isso não faz de mim

um príncipe muito grande...” E, deitado na relva, ele chorou. (SAINT-EXUPÉRY, 1999, p. 65)

A partir deste trecho, é possível supor que o personagem sentiu-se frustrado ao perceber que seus comportamentos de idolatrar e valorizar sua flor não estavam mais sendo reforçados, pois provavelmente, para ele, ter uma rosa única no mundo era reforçado de alguma maneira. Ao retirar este reforçador do ambiente (ter uma flor única), ele ficou infeliz, frustrado, teve pensamentos negativos e chorou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao compartilharmos as ideias de Skinner (1987), podemos concluir que o que sentimos é tão importante quanto o que fazemos. Devido ao ser humano ser uma espécie social, saber o que o outro sente, permite determinar qual a melhor maneira de se comportar frente a este indivíduo. Por exemplo, quando alguém pretende conquistar um parceiro, ou arranjar um namorado, deve se comportar de modo a promover sentimentos de prazer e alegria no outro. Assim como quando alguém se sente incomodado com uma situação e pretende modificá-la, age de modo a demonstrar sua tristeza ou irritação. Demonstrar, nomear e até mesmo esconder sentimentos faz parte do relacionamento humano e é de extrema relevância o estudo e aprofundamento deste tema, que por muito tempo foi visto como negligenciado pela Análise do Comportamento.

O Behaviorismo Radical proposto por Skinner quebra os paradigmas que antes envolviam as questões dos sentimentos, pensamentos e ações dos indivíduos. De acordo com Rico, Golfeto e Hamasaki (2012), “o que um organismo faz, pensa ou sente tem uma mesma natureza material, física.” Com isso, não existe uma diferenciação entre sentimentos e comportamentos. Ambos são tidos na mesma dimensão, sob condições ambientais específicas.

Logo, o lugar dos sentimentos não existe, pois sentimento não é “uma coisa” que ocupa um espaço, mas é um fenômeno com diversos aspectos característicos. Dizer que sentimento tem um lugar específico é agir como mentalista que trata os sentimentos como entidades responsáveis pelos comportamentos. Quando se assume a postura de que as causas de qualquer comportamento devem ser buscadas no ambiente e não em entidades à parte, é necessário entender o conceito de sentimento e de emoções também, não “coisificando” tais fenômenos.

Portanto, falar de sentimentos é falar de comportamento operante. Ora, tratando-se de um comportamento, sejam sentimentos, emoções ou qualquer outro aspecto privado de um indivíduo, não podem ser descartados do estudo da psicologia.

Tanto no que concerne aos sentimentos e emoções, quanto ao comportamento verbal, explicações de causas fictícias têm atrasado os estudos. Ao mesmo tempo em que atribui-se às causas de comportamentos entidades internas do organismo, também costuma-se explicar o comportamento verbal por causas provenientes do interior do indivíduo, como ideias, imagens e informações. Contudo, a partir do momento que tal “ideia” ou sentimento sejam exprimíveis, passam a ingressar no mundo fora da pele e,

são então, observáveis por outrem e, logo, passíveis de serem estudados com mais controle e precisão.

Referente ao comportamento verbal, essencial para a explicação, análise e estudo de sentimentos, é inegável que seja um objeto de estudo de responsabilidade da psicologia enquanto ciência experimental do comportamento. Em um primeiro momento, isto não parece ser um trabalho muito difícil de ser feito, uma vez que homens estão sempre se comportando verbalmente. Contudo, deve-se considerar a complexidade que envolve as relações deste comportamento, ou seja, adquiri-lo por meio de mediadores no que consiste a descrição e apreensão de sentimentos, pode ser algo extremamente complexo e de difícil acesso.

Chega-se, então, a uma questão importante: cada indivíduo sente de um modo diferente, porque lhe foi ensinado a descrever as modificações de seu corpo de modos distintos. Ou seja, muitas vezes o que uma pessoa chama de amor, pode não ser para outra. Quantas vezes não nos deparamos com situações em que não somos capazes de entender o jeito como outra pessoa *ama*, ou porque ela está triste? Talvez, o que alguém denomine de tristeza, para nós seja angústia, ou até mesmo não tenha tanta importância assim. Isso ocorre, pois cada pessoa tem uma história única de condicionamento respondente e operante, de forma que diferentes eventos ambientais podem provocar determinados sentimentos em indivíduo distintos.

Os exemplos não se esgotam. Há quem fique imensuravelmente triste com o término de namoro, mas há também aquele que se sente inconformado e aquele que se sente motivado a mudar de vida. Aquele que se sente triste, pode não entender como alguém pode se sentir motivado a seguir em frente. Exigir que outras pessoas entendam como nos sentimos é o mesmo que determinar que ela deva conhecer toda a nossa longa história de condicionamento, que realmente nem nós mesmos conhecemos tão a fundo a ponto de entender nossos próprios sentimentos. Quantas vezes não nos perguntamos por que estamos tão tristes com uma situação que não deveria ter tanta importância, ou tão alegres com algo aparentemente insignificante?

Por esses motivos, conhecer as variáveis que controlam nossos comportamentos é tão importante quanto saber pronunciar o nome do que estamos sentindo. Se a quarta maneira de ensinar a relatar o evento privado proposta por Skinner fosse aceita e aplicada em nossa sociedade, grande parte dos desentendimentos e sofrimentos interpessoais poderia ser dizimada. Seria muito mais fácil controlar e prever os comportamentos que envolvem a tristeza se compreendêssemos porquê quando

sentimos falta de uma pessoa não conseguimos mais parar de falar nela, ou a vemos em todos os lugares que vamos.

Contudo, é essencial que continuemos a relatar sentimentos, pois por mais imprecisa que seja tal descrição, ela é essencial para fornecer pontos de identificação das variáveis que controlam o nosso comportamento.

Em uma clínica comportamental, o maior desafio do analista do comportamento é ensinar seus clientes o relato de seus sentimentos a partir da análise das contingências que os regem, levando mais em consideração as situações de que o comportamento é função do que em nomear o que é sentido. Muitas vezes, o nome do sentimento perde espaço para a análise das contingências.

Retornando as questões de causalidade, não há dúvidas de que é muito mais atraente atribuir aos sentimentos às causas do comportamento do que tentar explicar tais processos comportamentalmente. O que seria da poesia e da arte se tentássemos colocá-las em uma linguagem comportamental? Como dizer que a causa da dor de alguém não é a saudade que tem da pessoa amada, mas sim que a ausência do parceiro fez com que os reforçadores não estivessem mais presentes no ambiente e que os comportamentos antes reforçados estão agora colocados em extinção? Colocando assim a questão, parece sem profundidade e sem sensibilidade: a saudade se torna mecânica, realista e vista com “frieza”. O teor da saudade fica mais convidativo quando a colocamos como causa da tristeza de alguém.

Por mais reconfortante que seja explicar os comportamentos de ver fotos, procurar saber de alguém que está ausente, procurar pessoas que conheciam a pessoa faltante etc. através de um sentimento de saudades, continua não sendo a maneira mais eficaz de trabalhar essa saudade, se isso for uma queixa do indivíduo.

Este trabalho discutiu as questões do comportamento verbal e da causalidade atribuída aos sentimentos, mas não esgotou o tema a ponto de propor uma ação de solução e resolução do problema. O mundo contemporâneo ainda está extremamente contaminado pelas visões mentalistas e preconceitos que envolvem a Análise do Comportamento no que concerne a explicação de sentimentos. Como foi dito, é mais agradável e fácil acreditar que a causa de tudo o que fazemos está em uma *psique* regente, ou em sentimentos como se fossem entidades independentes. É mais fácil, pois as relações antecedentes que podem ter causado algum sentimento e os comportamentos que o seguem estão, muitas vezes, distantes ou complexas demais para entender. O que

deve ficar claro é que, por mais complexa e longe que estejam as causas dos sentimentos, elas não devem ser negligenciadas.

Talvez, os problemas de comunicação e desentendimentos que ainda existem na humanidade poderiam ser mais fáceis de solucionar se culturalmente mudássemos nosso modo de enxergar as contingências de nossos comportamentos. Esta é uma questão interessante que pode e deve ser estudada em trabalhos futuros, visando o progresso e o aperfeiçoamento da tecnologia que envolve o comportamento verbal. Ora, o homem possui uma ferramenta incrível nas mãos, capaz de modificar diversos aspectos do mundo. Mas para tal, é de suma importância ter conhecimento e usá-lo com sabedoria.

BIBLIOGRAFIA

A) Obras consultadas

ANDERY, Maria Amália P. A. *et al.* **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica.** 15 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENVENUTI, Marcelo *et al.* **Comportamento respondente condicional e incondicional.**

Disponível em http://www.pucsp.br/pos/experimental/graduacao/Downloads/comportamento_causalidade_2009.pdf>. Acesso em 17 abr. 2012.

CARVALHO, Sueli Galego. **O lugar dos sentimentos na ciência do comportamento e na psicoterapia comportamental.** Disponível em:

<http://www.mackenzie.br/fileadmin/Editora/Revista_Psicologia/Teoria_e_Pratica_Volume_1_-_Numero_2/art05.PDF>. Acesso em: 20 fev. 2012.

COSTA, Silvana Elisa Gonçalves; MARINHO, Maria Luiza. UM MODELO DE APRESENTAÇÃO DE ANÁLISE FUNCIONAIS DO COMPORTAMENTO. **Rev. Estudos de Psicologia. Campinas**, v. 19, n. 3, p. 43-54, setembro/dezembro 2002.

DARWICH, Rosângela Araújo. **Razão e emoção: uma leitura analítico-comportamental de avanços recentes nas neurociências.** Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/261/26110208.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2011.

LEONARDI, Jan Luiz (2009). **Emoções e sentimentos no Behaviorismo Radical: um esclarecimento conceitual.** Disponível em:

<<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/soapbox/article.php?articleID=512>>. Acesso em: 20 out. 2011.

MATOS, M.A. (2001). *O Behaviorismo Metodológico e suas relações com o mentalismo e o Behaviorismo Radical.* In: BANACO, R.A. (org.). **Sobre comportamento e cognição**, v. 1. Santo André: ESETec, 2001.

SÉRIO, Tereza Maria *et al.* **Definição de comportamento.** Disponível em <http://www.pucsp.br/pos/experimental/graduacao/Downloads/comportamento_causalidade_2009.pdf>. Acesso em 17 abr. 2012.

SIDMAN, Murray (1989). **Coerção e suas implicações.** São Paulo: Livro Pleno, 2009.

VERDU, Viviane *et al.* *Sentimentos.* In: HÜBNER, Maria Martha Costa; MOREIRA, Marcio Borges (org.). **Fundamentos de psicologia: termos clássicos da psicologia sob a ótica da análise do comportamento.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.·.

B) Obras citadas

ANDERY, M. A.; MICHELETTO, N. e SÉRIO, T. M. (2007). **Comportamento e Causalidade**. Disponível em:

<http://www.pucsp.br/pos/experimental/graduacao/Downloads/comportamento_causalidade_2009.pdf>. Acesso em: 7 mai. 2012.

KUNDERA, Milan (1984). **A insustentável leveza do ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MATOS, Maria Amália (1993). *Behaviorismo Metodológico e o Behaviorismo Radical*. In RANGÉ, Bernard (org) **Psicoterapia comportamental e cognitiva: pesquisa, prática, aplicações e problemas**. Campinas, Editorial Psy, 1995. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/matos.htm>>. Acesso em: 4 mai. 2012.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. (1939) **Terra dos Homens**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. *O Pequeno Príncipe*. Rio de Janeiro: Agir, 1999.

_____. *Piloto de Guerra*. In: SILVEIRA, Maria Luiza Newlands *et al* (org.) **Felicidade, Amor e Amizade**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003 p. 42.

_____. (1943) **O amor do Pequeno Príncipe. Cartas a uma desconhecida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A., 2008.

SÉRIO, Tereza Maria de Azevedo Pires et al. **Controle de estímulos e comportamento operante. Uma (nova) introdução**. 3 ed. revisada. São Paulo: EDUC, 2008.

SKINNER, Burrhus Frederic (1953). **Ciência e Comportamento Humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. (1957). **O Comportamento Verbal**. São Paulo: Cultrix, 1978.

_____. (1974). **Sobre o Behaviorismo**. São Paulo: Cultrix, 1985.

_____. (1989). **Questões recentes na análise comportamental**. Campinas: Papirus, 1991.